

Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII

Fevereiro de 1996

Nº. 2



IMPRESSO

MEMÓRIA HISTÓRICA — Fevereiro, mês do carnaval, nos dá oportunidade de apresentar, hoje, em nossa capa, figuras do carnaval em Blumenau na década de 1930. Vemos, com suas belas fantasias, da esquerda para a direita, um Bloco Carnavalesco, entre outras, pelas Sras. Derly Jordan, Sra. Mueller, Sra. Wolfgang Altenburg e Sra. Harry Schmalz.

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES
A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO:

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Fevereiro de 1996

Nº. 2

SUMÁRIO

Página

Verbetes para Dicionário de História (3) — Theobaldo Costa Jamundá	34
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	36
A Confeitaria Tönjes: Da Frísia para Blumenau e a Rua 15 — Werner Henrique Tönjes	38
Curiosidade de uma Época - L — S.C. Wahle	43
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	44
Memória Histórica de Vitoriosa Colonização — Carlos Augusto Ferraz de Abreu	46
Figura do Presente — José Gonçalves	50
A ida de Fritz Müller ao Liceu Provincial em Desterro — Viegas Fernandes da Costa	52
Aconteceu... — Dezembro de 1995	54
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	56
Registros de Tombo de Brusque (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn	58
Genealogia das Famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges	60

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 326-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CLICHÉ: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (3)

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

(1) UM SÉCULO NO OFÍCIO DE HUMANIZAR

Está circulando o livro da irmã CLEA FUCK, Cem Anos de História 1895-1994 (Congregação das Irmãs da Divina Providência no Brasil). É contribuição para a História da Educação Catarinense relatando a ação triangular desenvolvida durante um século no chão Barriga-Verde em três áreas: (1) Na Catequese; (2) No Ensino; (3) Na Assistência hospitalar. A autora tem o berço natal na "Sementeira de Personalidades" que apareceu em 1829, e frei Elzeário Schmitt, ofm, diz ser a "Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina — "São Pedro de Alcântara".

Reconheçamos o livro como título novo na Bibliografia Catarinense e com a categoria de ser obrigatório como fonte de consulta. É nele que são encontradas as três respostas das costumeiras perguntas: Como, Quando e Onde? E elas sendo ocorrentes no tempo durante um século e nos espaços das geografias de municípios catarinenses, gauchos e paranaenses. — Aqui, ali e acolá as Irmãs da Divina Providência, ativadas no idealismo religioso sendo pragmáticas no humanizar.

A imagem literária não explica nem define, exatamente, o porquê são elas as partícipes, na evidência do largo painel ilustrativo do capítulo da História da Educação Brasileira. Os cem anos estruturaram a caminhada apostólica de uma abrangência requerente de volumes de uma enciclopédia ainda não editada. Dir-se-ia que a obra colheu a esperança no verde da mata lá em 1895, e seu conteúdo, na carpintaria da permissão divina tem o amarelo-ouro da Fé construtora.

Operárias com a alavanca de humanizar, as Irmãs da Divina Providência, neste século decorrido, ofereceram contribui-

ção civilizatória. Catequistas, educadoras, enfermeiras, elas consumiram-se na Confradia da dedicação exclusiva; alheias ao nacionalismo limitante, rezaram pela grandeza da Pátria.

Escravas do ofício de humanizar, as irmãs da Divina Providência, através do livro da irmã CLEA FUCK, prestam conta do consumo do tempo de um século. Um século aqui, ali e acolá. Um século inteirinho, humanizando.

(2) A FAMÍLIA STANGE TEM 200 ANOS

Deve-se à sensibilidade de Erich Stange filho de Otto Stange (1889-1963) e tradução das páginas que este deixou escritas em alemão. Embora não seja grande produção literária, se tem que levar em conta o acervo pela qualidade memorialística e artística e a individualidade de quem deu ao hoje município de Indaial o primeiro jornal: "O PEPINO" ("Die Gurke").

O que Otto Stange escreveu tem significância literária. O estilo é agradável e dosado de humor. Foi um escritor nas horas de lazer e comunica o grande interesse em registrar o próprio comportamento. E entrelinhas manifesta exibir a herança herdada do pai Emil Stange — (1859-1942). Emendando pontas conclui-se que Erich Stange é sensível pelos escritos de Otto, assim como este foi sensibilizado pelo manuscrito de Emil. Manuscrito que Otto concluiu como fosse necessariamente, obrigação filial definida e resumida na árvore genealógica deles como Stange. Veja-se que Emil manuscitou, Otto datilografou, Erich traduziu para o vernáculo. Por causa da veia memorialística de Emil sabe-se que tudo começou em um lugarejo chamado Grossmehlra no território da montanhosa Turíngia (Alemanha). O tema ou os temas de seu in-

foresse consistem em: (1) Os dados genealógicos vividos numa geografia; (2) Como nasceu o interesse para viver vida no Brasil; (3) Aspectos da viagem marítima e as impressões do Barracão dos imigrantes em Blumenau; (4) O motivo de trocar a destinação para "Hansa-Hammônia" pelo ficar em Blumenau.

A história contada como fio puxado do novelo da vida detonou em Otto Stange perfazer a continuação do manuscrito com outras páginas como deles fossem capítulos. E aí assumiu ser um cronista sem copiar antecessor. Achou o material para as crônicas pedalando bicicleta pelos caminhos e pelas estradas. E que reuniu o útil que eram os fazeres comerciais ao agradável como sendo o que lhe dava a inspiração para escrever crônicas. E por tê-las produzido com a arte de saber escrever, provocou no filho Erich, herdeiro também da continuidade dos fazeres comerciais, traduzir o que deixou escrito em alemão. Tal sucedimento literário memorialístico, ainda que mais doméstico que comunitário ou público, cabe na relação da Literatura Teuto-brasileira, até antes de Erich em alemão.

E é de supor que os escritos de Otto Stange não foram conhecidos antes, por três motivos: (1) Não teve interesse em divulgá-los; (2) As atividades de líder na comunidade luterana tirando-o de qualquer maior ambição como escritor ou jornalista; (3) Ausência de meio estimulante e a proibição incidente sobre órgãos da imprensa das línguas dos países do "Eixo Roma-Berlim-Tóquio."

O que escreveu foi fruto de devaneio e não teve a destinação de ser publicado. Não que lhe faltassem os canais e nem as boas relações. Além de comerciante como sucedâneo de Emil, conviveu no ambiente da Comunidade Luterana. Poderia ter sido um colaborador dos "KALENDÁRIOS" ou dos jornais. — Teria! — Mas não foi. Suas páginas reunidas chegaram ao filho Erich como originais inéditos. — Dir-se-ia: virgens quanto a leitura doutros. E o seu tradutor só deu atenção ao tesouro da memória familiar

quando o tempo da aposentadoria o empurrou para isso. Traduzidas foram identificadas pelo título: "ANDANÇAS DE BICICLETA NOS ANOS 1912 a 1938 NO VALE DO ITAJAÍ".

Aí por que só agora se vem pedir a inclusão de Otto Stange entre os relacionados na Literatura Teuto-brasileira escrita em alemão. Pedir sem ter prova publicada do que escreveu por que ele próprio não quis aparecer. O que pretendeu foi ser continuador de Emil Stange: registrar-se sentimentalmente; deixar o armazenado na memória em laudas para permanecer vivo para os mais caros e para nós; ficar com a marca pessoal da personalidade forte revestida do humor inteligente. Aquele humor, no qual está de corpo inteiro em "O PEPINO". — Jornal de sua propriedade, do seu gerenciamento, do seu jornalismo como "Homem de Sete Instrumentos".

Mostra do humor de sua verve que beliscava mas não ofendia, colheu-se no dia da solenidade de posse de um prefeito municipal de Indaial: ele não compareceu ao ato solene. E era vezeiro em não comparecer à esses. Quando encontrou o empossado, do qual era vizinho, estirou a mão para os parabens. E aí ouviu do prefeito a preocupação pela responsabilidade da governança municipal. — Ele com os olhos nos olhos do prefeito, indagou: mantem o secretário? Teve a resposta que o funcionário era de confiança. E ele quase com ar de riso e dando tapinha no ombro da autoridade governadora: "Não terá dificuldade, "O bode continua solto na horta"... — Conforme-se".

Inflexível em ser como foi. Um tempo da vida empregou algumas horas em artesanaria de lazer, e escreveu peças de teatro para a Comunidade Luterana de Indaial. Nunca se afastou dos rígidos bitolamentos religiosos. E nesses aceitou conflito que alcançou a filha Kaethe. E neste detalhe, que não copiou, foi parecido com o jornalista do primeiro jornal de Blumenau "O IMIGRANTE", B. Scheidtmittel, discordante da mistura de política e prática religiosa..

LIVRO JURIDICO

Contista e poeta, com vários livros publicados, advogado militante e professor universitário, Edson Ubaldo acaba de dar a lume importante contribuição ao estudo do Direito Processual, ramo da ciência jurídica que vem sofrendo frequentes e profundas alterações no Brasil. Refiro-me ao livro "As Modificações no Processo de Execução" (Editora Obra Jurídica — Florianópolis — 1995), onde o autor tece minuciosos e precisos comentários sobre as três recentes leis que impuseram novos rumos a essa importante parte do processo civil. São abordagens objetivas e sintéticas, procurando mostrar de forma didática como as coisas eram e como são agora, afastando de pronto as dúvidas aflitivas que acometem o estudante e, principalmente, o profissional militante no momento decisivo de impulsionar com segurança os feitos. Para isso, transcreve os textos anteriores e os atuais, permitindo a comparação e evidenciando aquilo que sofreu modificação. Em todo o livro se percebe o conhecimento jurídico do autor, aliado à experiência do causídico que manuseia o Código no seu dia-a-dia, e cujo texto, para ele, não tem segredos. Embora objetivando a prática, os comentários enfrentam as perplexidades da doutrina, quando necessário, confirmando o justo renome de seu autor como professor e advogado. Trata-se de um livro indispensável, com o acréscimo de que é obra nossa, composta por alguém que vive em nosso meio e tem os olhos para ele voltados.

ARQUEOLOGIA LITERÁRIA

O incansável Iaponan Soares acaba de desenterrar do esquecimento e recolocar em circulação mais uma importante obra da poética catarinense. Trata-se da edição fac-similar de "Minhas Canções", do poeta desterrense João Silveira de Souza (1824-1906), publicada como primeiro título da "Biblioteca Catharinense" (1994), com introdução, cronologia e bibliografia do próprio Iaponan. Figura curiosa de intelectual, misto de político, diplomata, jurista, escritor e poeta, João Silveira de Souza teve uma vida, ativa e dinâmica, com algumas incursões pela poesia, como os versos reunidos neste volume, com a primeira edição em 1849, e do poema satírico "Taunaydes", cuja publicação em jornal ilhéu causou sensação na época, e "Amor Reprovado", estampado em revista pernambucana. Com esta primorosa edição, de que o exemplar número 57 me foi gentilmente oferecido, os poemas desse catarinense tão pouco lembrado podem voltar às mãos dos leitores, com seu "gosto de tematizar o órfico, o idílico e a pintura de cenários", em que "demonstra pouca afinidade com os ídolos cultuados por sua geração". (Pág. VIII). Pelo que me parece, João Silveira de Souza foi um dos precursores brasileiros do Direito Internacional Público, uma vez que já em 1878, 1882 e 1889 publicava obras abordando temas de Direito das Gentes. Estão de parabéns Iaponan Soares, pelo trabalho, e Erich Gemeinder, pela colaboração, por localizarem mais esta obra perdida de nossa poética.

A ESTRADA DA AMIZADE

Em rápida visita a Porto União e União da Vitória, divulgando meus últimos li-

vros, tomei conhecimento de que a chamada "Estrada da Amizade", ligando Porto União a Matos Costa, Calmon e Caçador, teve suas obras novamente interrompidas. Para chegar a Matos Costa e Calmon, os moradores são obrigados a se valer de uma estrada do ... Paraná! Depois, quando o povo da região pede sua anexação ao Estado vizinho, nossas autoridades não escondem a "perplexidade" ... Ainda ginásiano, eu já acompanhava a luta pela implantação da rodovia, até hoje inconclusa e intransitável, depois de várias décadas. Mesmo que o historiador Francis Fukuyama proclame o fim da História, a "Estrada da Amizade" é o mais formal desmentido: no seu leito a história prossegue indefinidamente na melancólica e humilhante sequência de buracos, lamaçais e atoleiros. Ali o tempo não passou, permaneceu estagnado, indiferente às radicais transformações do mundo. Até quando?

VARIADAS

Nosso Estado parece acometido de algum "azar". Os escritores catarinenses atuais de maior sucesso, Deonísio da Silva e Cristóvão Tezza, são autores de obras alheias à realidade estadual. Este último localizou seu recente romance em... Curitiba! x x x Realizou-se em São Paulo, numa promoção da Secretaria Municipal da Cultura, o Encontro de Escritores do Mercosul, com participação de vários catarinenses. Segundo as informações de que disponho, foi um sucesso. x x x Assisti em São Paulo a uma sessão em homenagem ao poeta Ascenso Ferreira, na Casa de Mário de Andrade, onde Henrique L. Alves fez uma palestra. Como único catarinense presente, acabei falando na ocasião. x x x Em solenidade realizada no Palácio Cruz e Sousa, foram entregues os prêmios do 1º Concurso Nacional de Dramaturgia Álvaro de Carvalho, integrante do Concurso Cruz e Sousa. x x x F. A. Strassburger lançou seu livro "Solidude" (romance), no saguão da Livraria Alemã, em Blumenau. x x x Estão abertas as inscrições para o segundo concurso literário "Conto e Poesia", promovido pela Sinergia (Rua Lacerda Coutinho, 149 — 88015-330 — Florianópolis). O Sinergia publica também o suplemento cultural "Linha Viva".

COISAS NOSSAS

O telefone tocou no meu gabinete, justo quando eu me preparava para sair, estafado pela processualística. Era uma professora falante e entusiasmada, que me convidava para uma visita à sua sala, na escola de um bairro distante. O convite, dizia ela, visava apresentar-me aos seus alunos e com isso valorizar nossos escritores, aqueles que escreviam sobre coisas nossas.

No dia marcado, lá fui eu para o encontro com a moçada e sua mestra. Ela me esperava, na entrada, ainda mais animada, e me conduziu à sala onde os alunos me receberam com palmas.

Depois que se acalmaram, a professora começou a apresentação do convidado, relatando alguns fatos de minha vida e concluindo que o motivo principal do convite era o fato de ser eu o autor de um livro indispensável, a "História Romanceada de Blumenau e de seu fundador" ...

Como esse livro, aliás bem feito, não é e nunca poderia ser de minha autoria, quase tive um chilique. Quando ela me deu a palavra, fiz uma tal engrolada que deve ter levantado dúvida na garotada sobre minha sanidade. E tratei de me safar o quanto antes...

A Confeitaria Tönjes: Da Frísia para Blumenau e a Rua 15

(Werner Henrique Tönjes)

III Parte

A Frísia é a região costeira abrangendo parte da Dinamarca — chamada de NordFriesland; da Alemanha — OstFriesland; da Holanda — WestFriesland. Seu povo, os frisios, são habitantes das florestas, lagos, pântanos e planícies e construtores de diques, moinhos e canais. Para sobreviver em clima hostil, os frisios retiraram: dos pântanos, a turfa utilizada como energia térmica; do vento, a energia mecânica inventando moinhos moedores de grãos e extratores de água das terras baixas e submersas que eram previamente cercadas por diques, e do mar a alimentação e o ganho de novas terras.

Hoje em dia, o vento gira as novas pás eólicas fornecedoras de energia elétrica e o sol armazena a energia elétrica e água quente para as habitações. Há ilhas muito conhecidas, as Ilhas Frísias, que se estendem ao longo da costa holandesa e alemã, as "Friesische Insel", vistas perfeitamente em qualquer bom mapa. Elas estão levemente acima do mar. E, nas marés altas, somente as casas ali construídas permanecem solitárias numa vastidão líquida. As terras negras, antes submersas, são férteis e árvores são plantadas ao longo dos caminhos asfaltados protegendo-se a privacidade das pessoas. A região é plana e o ponto mais alto na Jutlândia, Dinamarca, é chamado de morro celestial "Himmelsberg" evidenciando o bom humor da população, pois tem 164 metros de altura e vêem-se do seu alto 21 igrejas dos arredores e, mais longe, o Mar do Norte "Nordsee" e o Mar Báltico "Ostsee" brilhando como pequenos pontos de luz em dias ensolarados. Assim, acidentes geográficos, por insignificantes que sejam, são reverenciados. Há uma pedra de mais de dois metros de

altura, de formato retangular com as beiradas arredondadas, estacionada perto do terminal de ônibus em Wilhelmshaven, na Alemanha do Norte — Estado da Baixa Saxônia, após ter sido empurrada pelas geleiras que, originariamente, estavam situadas a 400 quilômetros mais ao norte. A pedra tem uma placa com inscrição relatando o fato. O primeiro relato sobre os frisios é dado pelos romanos: no seu afã de conquistar as ilhas britânicas, as legiões de César estacionavam na Frísia e cobravam altos tributos dos seus moradores financiadores e esteios de aventuras bélicas romanas. A arrecadação era extorsiva e, além de beber todo o leite fornecido pelas vacas de manchas pretas e brancas, chamadas holandesas no resto do mundo e de vacas frísias "Friesiche Kühe" na Holanda, os legionários exigiam as loiras de tranças longas e de olhos azuis como domésticas para si. A frase "Lewer dot as Slaw" — antes morto que escravo — foi difundida e os soldados de Roma conduzidos pelo propraetor Aprônus sofreram forte revés militar em 28 d. C. Tentando a reconquista foram derrotados de tal modo pelos frisios que apetrechos militares foram largados apressadamente ao longo do caminho da fuga em seu retorno às bases no sul. Daí por diante foram tratados como iguais aos ex-ocupantes e no ano 54-68 d.C., no tempo de Nero, sentavam orgulhosamente no Coliseu em poltronas reservadas aos senadores romanos (7). Os frisios, os saxões e os prussianos são vizinhos. Hoje se aprende que o imperador dos francos, Carlos Magno, fez mais de 18 campanhas contra os saxões, envolvendo a vizinhança. Na Baixa Saxônia ele foi uma catástrofe, pois impôs a religião cristã literalmente a

ferro e a fogo. A temperatura da região no verão é igual ao outono em Blumenau e, no inverno, o frio vento do Mar do Norte açoita as águas que, raivosas, encrispam com espumas brancas, contrastando com o céu sempre acinzentado. O inverno começa no final do ano e geralmente neva no Natal. Um enorme tapete branco se forma na planície. Muitos alemães não imaginavam ao chegar ao Brasil a inversão climática: Da neve para o calor e praias: um sonho europeu se realizava. No clima nórdico invernal, a bebida típica é o chá, assim como o vinho é no centro e a cerveja é no sul da Alemanha. O chá frísio típico é servido em porcelana azul, cuja cor original foi receitada pela princesa filha de Kublai Khan a Marco Polo (1254-08.01-1324) e se chama porcelana Delft. O chá pode ser de frutas ou preto, sempre forte e de coloração parecida com a do café, servido em fogareiro (Stoevchen) e açúcar candi (Kluntjes) (8), com leite evaporado ou rum.

Uma estudante da língua inglesa escreveu, há anos, em uma dissertação sobre Blumenau, ter sido ela fundada por loiros de olhos azuis e atualmente estes foram sobrepujados numericamente pelos de olhos e cabelos castanhos.

Há 30.000 anos vieram os primeiros indígenas oriundos da Polinésia e, atravessando o estreito de Behring, povoaram os continentes americanos (9). Em nossa região, os Xoklengs eram os legítimos donos da terra e somente em 1850 d. C. vieram os primeiros dezessete imigrantes alemães comprovadores do ditado alemão: os primeiros, a morte; os segundos, a necessidade; e os terceiros a bonança (10). Depois vieram Italianos, poloneses, russos brancos, árabes, persas, mais tarde os chineses com os seus restaurantes, os coreanos e japoneses, recentemente e, desde os primeiros momentos, os afro-brasileiros e portugueses contribuintes para o progresso da cidade. Em 1924, os Tönjes compraram o estoque da padaria de Paul Lang, também inauguraram a fá-

brica de balas «Sem Rival» e fixaram residência na casa enxaimel nº 1731 na Itoupava Seca, perto da Fábrica Cremer. A casa ainda está de pé, atualmente resistindo como um velho ancião ao passar dos anos, um pouco encurvada. A habitação tem mais de 90 anos e situa-se na Rua São Paulo. Nas proximidades, a rua Daniel Pfaffendorf era um morro, cujo pasto tinha capim abundante que servia de trato aos cavalos da padaria e ao gado vizinho.

Conta Henrique, meu pai: "Meu irmão Hans e eu trabalhamos duro lá, perto de 9 anos, e tudo era difícil e demorado. Todas as manhãs buscávamos o cavalo às três da madrugada. O equino era inteligente e, quando nos aproximávamos o suficiente para lhe por os arreios, dava um pinote para trás, relinchando e correndo para o fundo do pasto. Todo o ritual era repetido. Em época de chuvas, era extremamente desagradável este serviço: a lama convidava para um belo escorregão. O cavalo conhecia toda a freguesia do pão até as proximidades do Cine Atlas e então, automaticamente, e sem cocheiro, retornava. Como era difícil ensiná-lo a trotar alguns metros mais à frente quando o novo consumidor era localizado".

Na padaria, a fermentação da massa era feita com o fermento de cerveja fornecido por Walter Berner, e hoje, uma rua próxima leva o seu nome. Um dia, em 1928, os Tönjes compraram um terreno dos padres franciscanos na Rua XV de Novembro e a casa de nº 962 foi construída alguns anos mais tarde em abril de 1933, "em cima do barranco" como as dos vizinhos. O barranco se foi e a casa continuou em pé. Nessa época, Hans — o irmão de Henrique, seguiu seu próprio caminho. Tinha uma imobiliária mais tarde nas praias e uma anedota da época dizia que, quando os norte-americanos chegaram à Lua, encontraram Leopoldo Zarling e Hans Tönjes brigando pela divisão da Lua em lotes, pois ambos eram ferozes concorrentes imobiliários.

Quando a varanda foi construída em 1940, era considerada como ponto elegante, e a vista linda para o rio Itajaí-Açu. Nesta época, quando se anunciava "vendem-se cavalos", todos sabiam o endereço do anunciante, mesmo que o mesmo não fosse anunciado. A cidade era pequena e "todo mundo" se conhecia. Naquela época, não havia miséria e nem tampouco mendigos na Rua XV, que contrastassem com as fachadas de mármore de atuais edifícios — todos trabalhavam. Viúvo, com a prematura morte de Lilly Tönjes, minha mãe, Henrique Tönjes casou em 1946 com Kaethe Koch e de cuja união nasceu Nelson Luis em 1950, atualmente residindo em São Paulo. Kaethe dirigiu a Confeitaria com meu pai até a sua morte em 1968. O maior movimento era nos domingos à tarde e às noites quando o cinema Busch e, mais tarde, o Blumenau, encerravam os espetáculos perto das 22 horas. Com o Hotel São José por perto e o Elite, era comum os hóspedes procurarem o café Tönjes. Doce de farofa (Streuselkuchen) ou cuca de queijo, capilé de framboesa e gasosa engarrafada — cuja pronúncia era "Kassossão", gengibre e cigarros Belmont, Liberty e Elmo eram pedidos. Os morangos com nata eram muito apreciados. O capilé era servido de um aparelho composto de tubos vítreos transparentes e ao abrir-se a torneirinha saía a essência, que era misturada com água. Havia diversos sabores, como laranja e limão, mas o preferido era o "ROTE GASOSE", a framboesa. Próximo ao café e na rua Padre Jacobs havia o ponto de carros de mola. Os boleiros quando iam ao hotel São José, enfiavam o chicote entre a roda da carruagem, causando estalos ouvidos pelos hóspedes que os aguardavam. Todos os dias o trem (11) apitava em sua chegada às nove horas no terminal onde hoje é a nova prefeitura nas proximidades do grupo escolar Luís Delfino, após passar pequena ponte do ribeirão da Velha. Havia mais interesse em buscar passageiros, pois vinham em bloco e sempre haviam clientes

para todos os condutores, enquanto esparsos eram os viajantes indo em direção à estação ferroviária vindo de todas as direções, dificultando a escolha pelos boleiros dos que iam viajar. Da Varanda viam-se os ciganos passarem em compridas jangadas feitas de árvores cortadas e amarradas entre si, deslizando nas águas. Em cima destas balsas, verdadeiras casas flutuantes, havia de tudo. Casebres com chaminés fumegando, cavalos, porcos, galinhas, vacas amarradas, um macaco e papagaios presos ao poste. Mulheres lavando e secando roupa com crianças brincando por perto. Esta enorme procissão descia o rio até Itajaí, onde a madeira era vendida junto com os animais. Uma forma econômica de viajar, pois não caberiam dentro de ônibus. Também deste local viam-se iguanas tomando seu banho de sol diário e, aqui e acolá, peixes grandes saltando nas saudosas águas claras. Era um posto ideal para se ver as inundações, pois este trecho da Rua XV é um dos mais altos. Nos anos 40 e 50, eram comuns os captadores de água situados no outro lado do rio e o ruído dos baldes vazios descendo em alta velocidade, por intermédio de uma carretilha era ouvido pelos clientes até o seu baque na água. Também o moroso retornar dos baldes cheios de água até sua base situada dezenas de metros acima e o gemido das engrenagens era ouvido. Muitas vezes o balde, quando descia, não emborcava dentro das águas, e diversas tentativas eram feitas para que, enfim, o recipiente afundasse adequadamente no rio. Também no lado da XV viam-se muitos gatos percorrendo a rua à noite. Hoje, só na Rua Curt Hering se vêem ainda alguns felinos. Já os cachorros passeavam durante o dia na calçada e, hoje, não se vê mais nenhum.

O tempo da guerra foi difícil, a língua alemã era proibida e pouca gente frequentava locais públicos com medo de represálias, pois o alemão era muito falado. Até julho de 1944, um jovem moço compenetrado visitava a casa. Em uma dessas ocasiões, prometeu voar debaixo

da ponte de ferro com o seu "teco-teco" e que se atentasse ao ronco do motor do avião num dia de céu claro. Uma tarde, após voar o prédio, subiu o rio retornando entre os pilares da ponte de ferro, balançando as asas e cumprimentando amigos e clientes maravilhados com a sua destreza e audácia no voo. Ele costumava voar riscando com a extremidade da asa as águas do rio. Morreu jovem. A sua lápide diz: "Dalto Caneparo — 10.08.1916 — 04.08.1944. Homenagem da cidade de Blumenau ao primeiro instrutor do seu Aero Clube, morto no cumprimento do dever". Este reconhecimento periga atualmente de ser demolido por falta de pagamento das taxas de manutenção no cemitério São José, centro, o que seria lamentável. A morte de Dalto, conhecido como "Adãuto", deveu-se à ruptura da solda de um parafuso vital para a aeronave quando testava o aparelho próximo do solo.

O avião tinha sido reformado e o convidado para o primeiro voo foi o Dr. Alfredo Campos, prefeito. Antes do primeiro voo, Dalto, consciencioso, testou o aparelho. As peças importadas eram raras em tempo de guerra e havia muita improvisação. A aeronave mergulhou de nariz no solo, causando ferimentos fatais a Dalto.

Outra aviadora audaciosa era Lia Pereira. Voava baixo entre os pilares e riscava as asas nas águas do rio Itajaí-Açu.

Uma improvisação no tempo de guerra foi o motor de carro movido a gásogênio. Uma caldeira de metal era acoplada na parte traseira do veículo, com carvão, serragem ou madeira posta no seu interior e acesa. O veículo transitava com estardalhaço e o ruído assemelhava-se ao pipocar de foguetes, não raro, parando. O piloto, tal qual Sherlock Holmes, tentava descobrir o defeito. Nesta ocasião, um raivoso vocabulário era ouvido.

No dia 8 de maio de 1945, uma multidão formada ao longo da Rua XV comemorava o fim da guerra e alguns participantes aproveitavam o fato invadindo as

casas e roubando pertences dos seus moradores. O exército interveio, deu proteção aos alemães e a ordem foi restabelecida. Estes fatos não prejudicaram a legítima alegria dos blumenauenses em suas comemorações festivas pelo fim da II Guerra Mundial. Os imigrantes residentes na Rua XV tiveram de deixar as casas iluminadas para não serem invadidas e simpatizantes do III Reich e membros do antigo partido nacional-socialista tiveram de carregar um boneco de pano em cujo rosto havia um bigodinho quadrado, enforcado e pendurado numa trave, pela Rua XV em meio a grande algazarra. Naquela época, a via principal era quieta e triste à noite com iluminação tímida e travessas escuras.

Em 1946 houve também a campanha de solidariedade do povo blumenauense patrocinada pela esposa do Exmo. Sr. Presidente Mal. Eurico Gaspar Dutra e quantidades consideráveis de alimentos, agasalhos e até fósforos foram enviados por intermédio do porto de Itajaí para a Alemanha, pois o povo de lá passava fome e frio e muitos blumenauenses tinham parentes neste país. Neste ano, a Confeitaria foi locada para Gustav Frank, professor alemão que, auxiliado pelos seus dois filhos de criação Sieg e Sieglinde Odebrecht, dirigiram a Confeitaria. Sieglinde casou-se mais tarde com o cartorário Roberto Baier. Gustav Frank foi ainda o fundador do tradicional hotel Rex em 1950. Nesta época, um personagem folclórico bebia gasolina de carros estacionados, desatarrachando a tampa do combustível com uma chave de fenda e introduzindo uma estopa no tanque com uma mangueira, sorvendo o líquido em seguida. Numa destas noites foi flagrado por clientes do Salão Moderno. Era fácil reconhecê-lo, pois sempre segurava uma estopa embebida de gasolina e a região da boca era toda avermelhada. Outra feita, um boiadeiro hóspede do Hotel São José, atravessou a rua e dirigiu-se ao Salão Moderno. Vendo uma barba difícil, os profissionais do salão rapidamente se a-

fastaram. Restou o aprendiz de nome Chico. Usando o guarda-pó maior que ele, convidou o boiadeiro a sentar-se na cadeira e, após amolecer a barba, começou a cortar. Como era inevitável a dilaceração da pele, o sangue misturou-se com a água e sabão, dando a impressão de grandes cortes. Espelhando-se, o boiadeiro deu um salto da cadeira e puxando o facão ameaçou, por sua vez, de fazer a barba do Chico, que em desabalada corrida, gritando por socorro em altos brados e com o guarda-pó arrastando no chão, desceu a Rua XV com o peão ao seu encaço, que brandia a arma vociferando.

O Café Tönjes tinha um atendimento rápido de balcão voltado para a Rua XV e, no lado do rio, havia a Varanda para pessoas sem pressa. Era um ponto es-

tratégico para os barbeiros Willy Rangé, o proprietário, Sr. Harry Krepsky, o Baiano, o Cleonor Figueiredo, vulgo Cléo, e o Chico — profissionais altamente capacitados que, sentados e bebendo um cafézinho, observavam deste lado da rua o movimento da barbearia. O imigrante alemão Willy Range era um profissional sempre alegre e solícito, mas o seu coração albergava uma tragédia familiar. Estava na Alemanha, nos anos 30 com a família quando estourou a Segunda Guerra e foi impedido de retornar a Blumenau; sua jovem e linda filha natural de Blumenau, foi sequestrada no final da guerra por militares soviéticos e levada para a Rússia, de onde retornou após longos anos de cativo e sofrimento com a saúde abalada.

(continua no próximo nº.)

(7) Deutsche Geschichte. Suchenwirth-Georg Dollheimer Verlag, Leipzig, 1937.

Bilder Atlas von Cläre With Müller, Kiepenheuer Verlag (Berlim) 1934.

(8) PROCEDIMENTO: O bule de porcelana é aquecido no seu interior com água fervente, que em seguida é despejada. Pôr quatro porções de chá solto no bule. Recomenda-se o chá preto tipo Assam Extra. A porção é a quantidade que entre as pontas dos dedos polegar, indicador e médio se consegue segurar. Despejar a água de fonte natural em ebulição em cima destas porções e só até um quarto do volume total do bule. Esperar 1 minuto e, em cima da infusão formada, despejar lentamente mais água quente. Esperar um pouco e continuar a verter a água em cima da infusão até encher o bule. Os bules geralmente são feitos para 3 ou 4 xícaras. Em saquinhos, utilizam-se 3 sachês para 3 xícaras e 1 para o bule. Se preparar uma xícara só, tampar com o pires para não volatilizar o aroma — uma das principais qualidades do chá. Preparado o chá no bule, derrama-se o mesmo na chávena que tem no seu interior, preferencialmente colocados, dois ou três cubinhos de açúcar candi. Quando o chá

quente atinge o açúcar candi, ouvem-se estalidos prenunciadores de um bom chá. Depois, com cuidado, derrama-se aos pouquinhos e, com muito carinho na quantidade desejada, o leite evaporado da marca "Ideal" — Nestlé, ou semelhante. E aí vem a singularidade do chá à moda frísia: em uma xícara só há diversos sabores do mesmo chá. Este modo de preparo do chá também é conhecido como Tee mit Wulkies (chá com nuvens, pois as manchas formadas com o leite derramado parecem nuvens dentro da xícara). Ele é mais amargo na superfície e mais doce no fundo da xícara, pois o candi dissolve lentamente. Não se deve mexer o chá com a colher para evitar com que o chá, o açúcar e o leite se mesquem. A cada sorvo há um novo gosto na boca. Na falta de candi, usa-se açúcar cristal.

(9) Origens do Pacífico, canal Discovery nº 27, 1995. Estado de São Paulo, caderno 2 D1 de 22.10.95 contesta estas datas e fala entre 10 e 50.000 anos atrás.

(10) Die ersten der Tod, die zweiten die Not, die dritten das Brot.

(11) A placa do trenzinho com os dizeres originais alemães "Berlin..." e endereço fabril, foi retirada da locomotiva

há alguns anos. Na administração do prefeito Sasse, foi colocada uma inscrição ao lado do trezínho com uma pequena história do mesmo indicando sua origem germânica. A placa da ponte da estrada de ferro, incrustada na primeira viga de metal, do lado esquerdo e no início da

ponte e antes da reforma, sumiu. Os oito rebites que sobraram na viga atestam o local vazio. A inscrição dizia: "Höschwerke Frankfurt a/ Main". Foram perdas irreparáveis para a memória blumenauense.

Curiosidade de uma Época - L

ESCRavidÃO

S. C. Wahle
1995

Durante o meu tempo de escola primária era geral a nossa curiosidade à respeito dos elementos de raça negra em Blumenau. Havia poucos negros em Blumenau, que eram bem tratados. Lembro-me do Chico, que morava num beco, em casa pertencente à viúva Kradick e era vizinho de Benjamim Margarida. Vinha à nossa casa, entre outras, rachar lenha (ainda não havia fogões à gás), roçar o barranco e periodicamente ajudar a manutenção do jardim, além de outros serviços quando necessário. O Chico era um homem educado, falava alemão e tinha um filho que frequentava o Grupo Escolar «Luiz Delfino».

Dr. Joaquim Breves, diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina, criava um menino negro que frequentava o Colégio Santo Antônio, e que tinha por apelido «Algodão». Meu pai não admitia que para chamá-lo se usasse o apelido.

Arthur Friedenreich (Federa-cha), mulato, falava o português com forte sotaque alemão, nascido em São Paulo, o maior jogador de futebol do passado, era neto de Carl Wilhelm Friedenreich, que chegou a Blumenau em 2 de setembro de 1850, no primeiro con-

tingente de imigrantes.

No colégio, tanto Frei Estanislau como Max Kreibich, ao abordarem o tema das pessoas de cor, por volta de 1924, costumavam afirmar que o Dr. Blumenau não admitia escravidão, tendo obtido por parte de D. Pedro II a promessa de apoiá-lo nesta cruzada. Tentei achar este assunto na literatura, e após muita procura desisti por não o localizar.

Algo de verídico deve haver, pois certa ocasião, ao tomar um táxi em Nova Iorque para dirigir-me ao Estado vizinho de Nova Jersey, entrei em conversa com o motorista que era uma pessoa de cor. Disse-me que serviu como militar, durante a guerra, por diversos anos no Rio de Janeiro. Para provar que isto era verdade, disse-me que se quisesse poderia conversar comigo em português. Foi aí que informei-o que eu era um brasileiro de Blumenau. Isto agradou-o muito, pois dissera-me que Blumenau era o único lugar no Brasil onde a escravidão não fora permitida. Ao querer saber de onde conseguira esta informação contou que isto lhe fora dito num restaurante alemão no centro do Rio. Ao perguntar-lhe se ainda se lembra-

va do nome deste restaurante, disse que se chamava «Westphalia».

Casa Westphalia eu conhecia bem; pertencia à Jens Jensen, sua irmã e uma sobrinha, os três naturais de Blumenau, Itoupava Central. O motorista disse-me que frequentava periodicamente este restaurante, onde além de haver boa comida alemã, sempre fora muito bem tratado. O português dele era bom, mas sempre carregado com aquele sotaque americano.

A escravidão nos EUA foi abolida em 1865 com o término da guerra de secessão. Esta guerra, com o objetivo de combater a escravidão, forçando ao sul a aceitar a abolição, custou a vida de 620.000 soldados brancos, dos quais 350.000 nortistas e 270.000 sulistas, sem necessidade de mudar o governo nem a constituição.

No Brasil, a escravidão foi abolida em 13 de maio de 1888, que custou ao país a mudança de governo de império para república e da constituição.

Comumente se confunde escravidão com discriminação racial.

A escravidão é um estado ou condição do escravo; servidão. Como escravo o ser humano passa a ser propriedade de outro ser humano, sem liberdade, passando a ser valorizado em dinheiro.

A escravidão é imposta e abolida por lei.

A discriminação é uma diferenciação ou distinção ou separação de pessoas. Quando algumas pessoas se julgam superiores às outras.

A discriminação é o fruto de um comportamento.

A escravidão é uma política abjeta. A discriminação é um comportamento abjeto. Na prática da escravidão e da discriminação a civilização humana atinge o seu último grau de baixeza. A discriminação só pode ser eliminada quando as partes assumem, aceitam e se comportam como seres humanos.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

PADRE ALEIXO COSTA

Aleixo Costa, nasceu em Luiz Alves, Santa Catarina, a 20 de março de 1906. Iniciou as primeiras letras em sua terra natal e, ainda jovem, vem para Ascurra, como interno no Colégio «São Paulo», onde faz o curso de admissão ao ginásio. Segue, depois, juntamente com outros seminaristas ao aspirantado «São Manoel», de Lavrinhas, Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, e cursa o ginásio. Ingressa no ano seguinte, no noviciado e, após doze meses, faz os primeiros vo-

tos de profissão trienal, quando também cursa Filosofia que a conclui três anos após.

Começa o tirocínio e, durante o qual, dá também assistência aos seminaristas e leciona no curso ginasial. Depois desse triênio, ingressa no Instituto Teológico e faz os quatro anos de Teologia e ascende ao sacerdócio, cuja ordenação é celebrada na Igreja Matriz de Ascurra pelo Bispo Diocesano Dom Pio de Freitas, perante multidão de paroquianos, sacerdo-

tes salesianos e franciscanos, religiosos, seminaristas e Associações Religiosas de Ascurra e de outros municípios. Houve nessa festa de ordenação, uma verdadeira concentração de católicos, oriundos dos mais distantes municípios catarinenses, até então, ocorrência inédita nesse distrito.

Padre Aleixo Costa, primo do Bispo de Porto Velho, Dom João Costa, salientou pela piedade e inteligência. Religioso, gênio fácil e cortês nas relações. Suas homilias eram simples mas comoventes. Alegre, trabalhador, apreciava, fora das funções religiosas, sobretudo, os serviços da roça e gostava de adentrar às matas para estudar, observar e pesquisar. Em 22 de março de 1942, pelas 10 horas, na Matriz, perante o Diretor do Colégio, Padre Luiz Venzon e do Padre Felix Rokiki, da Sociedade Salesiana, e das testemunhas, Paulo Tomio, Amábilio Merini, José Rafaelli e Francisco Chiarelli, Padre Aleixo é nomeado por provisão da Diocese de Joinville, de 13 de fevereiro, Vigário de Ascurra e introduzido na posse da Paróquia, observando o cerimonial prescrito. Para constar, é lavrada Ata e assinada pelos presentes.

Durante seu vicariato, fez a reforma e decoração da Matriz, e a renovação da canônica. Dotou a fachada da igreja de arquitetura gótica, arco em ogiva, abóboda angular com nervuras. A riqueza ornamental predomina no exterior: múltiplas colunas e arcos em ogiva.

Prestava assistência espiritual aos fiéis de todas as Capelas subordinadas, com muita frequência; era estimado por todos os paroquianos. Em 1946, deixa Ascurra pelos imperativos da Ordem e é designado para exercer o ministério

na Paróquia de Rio dos Cedros. Fora um modelo vivo de apostolado. Deu um exemplo fecundo de trabalho apostólico, de espírito criador, de compreensão e de amizade. Sempre numerosa a afluência de fiéis às suas funções religiosas. O movimento religioso foi considerável e acompanhava com esmero o apostolado da Congregação Mariana, da Pia União das Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Ação Católica e Cruzada Eucarística. Padre Aleixo, após um convívio dos mais felizes e agradáveis com os paroquianos de Ascurra, despede-se e segue para Rio dos Cedros. Depois de um trabalho extraordinário realizado naquela Paróquia, em 1956, retorna a Ascurra para ser Vigário Adjunto, e continua a fazer um apostolado fecundo.

Visita todas as Capelas onde se encontra com pessoas idosas e doentes. Uma triste surpresa, porém, abala o Médio Vale do Itajaí. A 17 de outubro de 1958, a Congregação Salesiana e a Paróquia de Ascurra, sofre gravíssima perda com o trágico desaparecimento do Padre Aleixo. Desolação e luto na Comunidade do Colégio São Paulo e em toda a região. Estando ele nas matas do terreno da família Peixer, em Guaricanas, a derrubar grossa árvore, sem se aperceber caiu-lhe pesado galho na cabeça, atingindo-o mortalmente. Socorrido pelo sr. Aquilino Minella, irmão salesiano, com alguns empregados, foi imediatamente trazido de trator e de caminhão até o Colégio, de onde, com camionete, o levaram ao Hospital São Roque, de Rodeio. O acidente deu-se pelas 14 horas. Duas radiografias constataram fratura do crânio, de alto a baixo e todas as costelas do lado direito, menos uma, e he-

morragia interna alarmante. Recebeu Extrema-Unção das mãos do Padre Francisco Costa. Às 17 horas, na presença do Dr. Heitor Baggio, médico do hospital, das Irmãs da Divina Providência e de alguns salesianos de Ascurra, veio a falecer. Às 18 horas os restos mortais foram trasladados para Ascurra, ficando expostos à visitação pública na Capela do Colégio. A notícia propagou-se rapidamente, despertando em todos os paroquianos profundos sentimentos de tristeza. Às 9,30 horas do dia 18, o corpo do Padre Aleixo foi transportado em procissão para a Matriz, onde celebrou-se solene missa de requiem, de corpo presente, cujo celebrante fora o Padre Walter Ivan de Azevedo. Estavam presentes os noviços franciscanos de Rodeio, Padre Otávio Bortolini, do Ginásio Salesiano de Itajaí, Padre Alfredo Bortolini, Diretor do Colégio e Vigário, que se achava em S. Paulo, desde o dia 12, e pôde chegar às 16 horas para presidir os solenes funerais, que se realizaram às 17 horas, com acompanhamento extraordinário do povo de Ascurra, Rio dos Cedros, Rodeio e Luiz Alves, terra natal do falecido.

Na Matriz, falou Frei Gabriel, de Rodeio. No cemitério, falaram: um aspirante; Vereador Arlindo Ferrari, ex-aluno salesiano; uma Filha de Maria e o Padre Francisco Costa. Estavam presentes: quatro padres franciscanos, Padre Vigário de Ibirama, dois Padres do Verbo Divino de Apiúna, Padre Tercilio Nardelli, de Arrozeiras, os Padres Francisco Apaeth e Padre João Delsale, de Rio do Sul, Padre Orestes Satler, Vigário de Arrozeiras, o Sr. Prefeito Municipal de Indaial, o sr. Coletor Federal, Irmãs da Divina Providência e Catequistas.

O Sr. Bispo Diocesano, Dom Gregório Warmeling, ciente do ocorrido, enviou sentido telegrama de condolências para a Congregação Salesiana e à Comunidade do Colégio São Paulo. De todas as partes chegaram telegramas e cartas manifestando pesar pelo desaparecimento do grande apóstolo salesiano, Padre Aleixo Costa. No dia 23 de outubro de 1958, foi celebrada solene Missa de Requiem, de 7º dia, por alma do Padre Aleixo Costa e todos os presentes fizeram visita ao seu túmulo.

Memória Histórica de Vitoriosa Colonização

(Continuação)

Carlos Augusto Ferraz de Abreu".

Emancipação Precoce

É importante ressaltarmos que a promoção a "freguesia" e sua simultânea emancipação, analisado sob o ângulo eclesiástico, nada significou no contexto colonial, até porque a Colônia Theresópolis (sic) constituía sede paroquial desde 1862 na qual paroquiava o Pe. Guilherme Roer,

que, inclusive, "gozava de todos os direitos inerentes ao cargo" de pároco. Com relação à confissão evangélica, Santa Isabel recebeu em novembro de 1861 o seu primeiro pastor residente, na pessoa de Carlos Wagner Groben. Do ponto de vista econômico, a emancipação foi precoce e desprovida de uma base racionalmente fundamentada e consistente, uma

vez que seus habitantes ficaram sujeitos à legislação comum às demais povoações do Império, além de serem exonerados todos os funcionários públicos da Colônia, o que inviabilizou definitivamente as possibilidades de desenvolvimento. Santa Isabel não estava preparada estruturalmente para a "emancipação" tal como foi concebida e promovida.

Por ocasião da emancipação da Colônia, em junho de 1869, o seu quadro populacional estava assim constituído:

a) Homens	652
Mulheres	616
Total	1.268
b) Católicos	604
Protestantes	664
Total	1.268
c) Fogos	364
d) Nascimentos	67
Óbitos	12
Casamentos	09

Sua área cultivada era de 2.368 hectares, e inculca de 24.045 hectares; a extensão total da Colônia era de 26.413 hectares (264 Km²). A pecuária, na ocasião, apresentava os seguintes dados: 131 cavalos, 253 mulas, 678 vacas, 1.300 porcos, 62 cabras e 10.300 aves. Existiam na Colônia 81 artifices diversos e 15 casas de negócios. O relevo, por montanhoso e íngreme, não se mostrou favorável à agricultura de rotação de culturas; a alternativa viável foi o sistema de rotação de terras. As consequências foram inevitáveis: numerosos jovens, a cada geração saíram à procura de novas terras. Fundaram novos povoados ou enriqueciam os já existentes; os fluxos migratórios se dirigiram para Santo Amaro da Imperatriz, Palhoça, São José, Florianópolis, Blumenau, São Bonifácio, Anitápolis (1850), Colônia Militar Santa Teresa (1853), Angelina e Teresópolis (1860), São Judéu, Braço do Norte, Rio Fortuna, Armazém, São Martinho, Vargem do Cedro, Grão Pará, Ituporanga (1912), Imbuia, Atalanta, Petrolândia e Rio do Sul. Santa Isabel ressentiu-se ainda hoje da migração em massa, o que inviabilizou o seu desenvolvimento.

Após o aviso do Ministério da Agricultura determinando as providências para a emancipação das Colônias Santa Isabel e Theresópolis (sic), o jornal "O Despertador", em sua edição nº 663, datado de 5 de junho de 1869, adverte que

"são dois núcleos de povoações à borda da estrada de São José a Lages, e de grande proveito ao futuro para os viajantes que frequentam esses dois importantes municípios. Assim haja da parte dos poderes administrativos e legislativos provinciais, zelo e interesse na sua conservação e prosperidade".

Perspectivas otimistas

Diversos relatórios oficiais bem como de viajantes referiram-se com acentuado e excessivo entusiasmo com relação às reais condições de desenvolvimento da Colônia Santa Isabel. Descreveram suas terras como "apesar de montanhosas, muito férteis". A situação dos colonos era considerada "absolutamente favorável; eles estão satisfeitos e felizes", relataram. "Eles estavam muito satisfeitos por terem conseguido uma meta tão grandemente almejada, isto é, de serem donos livres de suas terras". "O estado próspero da Colônia Santa Isabel motivou a recomendação de sua emancipação". Muitos desses relatórios foram literalmente contestados pelo Dr. Galvão, comissário do Governo, enviado, em 1867, a Santa Isabel. Johann Eduard Wappäus descreve que segundo Galvão "contava então a colônia com 248 fogos e 1195 (654 protestantes e 541 católicos) habitantes, e dos quais a metade era de colonos antigos. Um grande número de famílias estrangeiras (alemãs) enviadas, em 1860, abandonaram, novamente, a colônia, procurando localização em terras melhores e uma grande parte requerera transferência para a colônia nacional (brasileira) de Angelina. Como uma das principais causas, dos grandes males, apontava Galvão, a escolha infeliz do território destinado à ampliação da colônia e cujas condições

de terreno não se prestavam, via de regra, para a cultura, de modos que, ainda, segundo Galvão, para tirar os colonos da situação de precariedade não restava ao Governo então outro caminho a não ser a remoção dos mesmos para outras colônias, de preferência para a colônia Nacional de Angelina ou para o Rio Capivari e porquanto a área da colônia impossibilitava a sua expansão, porque delimitava ao norte a velha colônia São Pedro de Alcântara e Colônia Nacional de Angelina, ao sul pela Colônia Teresópolis e a leste pela antiga Colônia Santa Isabel, havendo possibilidades de estender-se, somente, para um lado, isto é, para o Oeste, mas que ia se esbarrar na serra. Apesar de que Galvão não se declara expressamente referindo-se sempre a colônia Santa Isabel, de um modo geral, ressaltando em seu relatório que a situação precária é referente tão apenas às novas expansões da colônia, fornecendo o mesmo relatório elementos de apoio para um julgamento favorável da antiga colônia, apesar de que, mesmo nela, se fez sentir prejudicialmente a introdução de novos colonos. (...) Comunicados oficiais mais recentes e especificados sobre Santa Isabel não existem; entretanto, pelas informações do Ministério da Agricultura, do ano passado, verifica-se que a Colônia Santa Isabel atingiu um desenvolvimento apreciável, podendo ser emancipada da tutela oficial para gozar de uma vida colonial independente. Assim é de se admitir, com segurança, de que os prognósticos lisonjeiros atribuídos a essa colônia confirmaram-se pela realidade dos fatos. Atualmente já está consumada a emancipação, dificilmente, porém, com vantagem para a colônia, pois ainda necessita de amparo oficial para a melhoria de estradas de escoamento dos seus produtos" (39).

Após a emancipação da Colônia ocorrida em 11.06.1869, foi designado para a Freguesia de Santa Isabel o Dr. Manoel Antônio Marques de Faria para ocupar o cargo de subdelegado de polícia (40). Sucederam-lhe os Senhores Carlos

Lange para subdelegado, Miguel Stephan para 1º suplente e Augusto Heeren para 2º suplente; este último posteriormente foi exonerado. Com a emancipação das Colônias seu ex-diretor, Coronel Gaspar Xavier Neves, foi convocado a entregar ao subdelegado de polícia da Freguesia de Santa Isabel "todos os objetos pertencentes ao Estado e que se acham ainda a seu cargo" (41). Em 1876 era subdelegado de polícia de Santa Isabel o Sr. Carlos Westphal. Já em 1878 as funções de policiamento estavam assim distribuídas: Mathias Schmitz subdelegado, Ernesto Pruppel 1º suplente, Frederico Klucker 2º suplente e João Guil 3º suplente. Em 1882 foram nomeados o Sr. João Kuhl para subdelegado, o Sr. Frederico Klucker para 2º suplente e o Sr. Pedro Schmidt para 3º suplente; em 05 de dezembro de 1889 foi nomeado para subdelegado o Sr. Miguel Estefano Koerig. Foram seus sucessores os senhores Karl Beppler, Aureliano de Oliveira Ramos e Benedito Kirchner; não sabemos se a lista é completa nem se a ordem cronológica confere com a acima exposta.

Distrito de Paz

A partir de 6 de setembro de 1886, as duas ex-colônias Theresópolis (sic) e Santa Isabel constituíram um Distrito de Paz independente com sede em Teresópolis. Em 22 de setembro de 1902, através da Lei nº 8, do Conselho Municipal de Palhoça, a ex-colônia Santa Isabel foi desmembrada da de Theresópolis (sic) para constituir um Distrito de Paz com administração própria.

Em 1888 foi extinta a escola mista de Santa Isabel, onde era professora vitalícia a Sra. Maria Michels, e transferida para a localidade de Loeffelscheidt. A referida professora foi removida para a escola do Distrito de Theresópolis (sic).

O Pastor Hermann Stoer, outrora pastor em Santa Isabel, em 1936, escreveu em sua célebre **Crônica da Paróquia de Santa Isabel, a mais antiga Colônia E-**

vangélica de Santa Catarina, o seguinte:

"Santa Isabel, hoje uma pequena freguesia, já foi a tempos idos a porta de entrada para a colonização de todo o **hinterland** e sudoeste de Santa Catarina. Há sessenta anos teve a importância de um ponto vital da economia da região, ainda mais que ficava na passagem única que ligava Lages e o planalto à costa. Quando, por 1890, foi construída a nova estrada para Lages mais ao sul, Santa Isabel ficou isolada no trânsito e a freguesia perdeu as possibilidades de progresso. Desde essa época, Santa Isabel leva uma existência sonhadora, pacata e isolada nas margens murmurejantes do Rio dos Bugres. A beira da estrada ladeada por altas palmeiras e cercas vivas, estendem-se as terras dos colonizadores de origem alemã. Suas casas simples espiam em maiores intervalos por entre o verde dos laranjais espessos. É raro que um estranho se perca neste vale sossegado. Os dois moinhos existentes sussurram como único ruído no vale que antes ressoava ao som dos homens que lutavam pela existência. Na entrada do vale as duas casas de Deus, católica e protestante defrontam-se pacificamente e, quando aos domingos, sinos do campanário elevam suas vozes suaves e argêntas, pode-se ver muitas pessoas caminhando pela trilha abandonada (42)".

A mudança da sede da Colônia

Posteriormente todos os departamentos administrativos da antiga Colônia foram transferidos para a localidade de Rancho Queimado. Lá localizava-se a confluência do "Caminho das Tropas" entre as variáveis dos vales dos rios Maruim e Cubatão e, conseqüentemente, possuía um comércio mais consistente e movimentado. A primeira variável passava por Angelina e São Pedro de Alcântara,

enquanto que a segunda, bem mais utilizada, traçava Santa Isabel, Vargem Grande, Águas Mornas, Santo Amaro da Imperatriz e Palhoça à capital. Assim, Rancho Queimado constituiu-se "lugar central", um agrupamento que se caracterizava por ser o centro da região rural ao seu redor. Rancho Queimado passou, então, a atender a população da zona agrícola em torno dele, fornecendo bens e serviços dos quais a população necessariamente carecia.

Em 28 de junho de 1938 o Prefeito Municipal de Palhoça, a quem a localidade pertencia, Sr. Juliano Luchi, através do Decreto Lei nº 07, "delimita o perímetro urbano e sub-urbano da Vila de Santa Isabel, sede do distrito do mesmo nome". Eis o teor do referido Decreto Lei:

«Artigo 1º — Ficam criados os perímetros urbano e sub-urbano da Vila de Santa Isabel (povoação de Rancho Queimado) sede do Distrito de Santa Isabel, pela forma seguinte:

a) Perímetro Urbano — Na parte em que a Estrada Estreito-Lages corta a povoação de Rancho Queimado desde a Igreja protestante até trezentos metros para cada lado do eixo da estrada;

b) Perímetro Sub Urbano — Na estrada para Florianópolis a partir do limite do perímetro urbano, trezentos metros pela estrada e uma área de trezentos metros para cada lado do eixo da mesma. Na estrada para Lages a partir do limite do Perímetro Urbano, trezentos metros pela estrada e uma área de trezentos metros para cada lado do eixo da mesma.

Artigo 2º — Revogam-se as disposições em contrário. — Prefeitura Municipal de Palhoça, 28 de junho de 1938. — Juliano Luchi, Prefeito".

RODOLFO ROSUMECK

Uma das equipes de futebol que mais brilharam nos anos 30, no cenário estadual, e, em especial, no Vale do Itajaí, foi, sem dúvida, a do Amazonas Esporte Clube, cujos jogadores, em sua maioria, eram operários pertencentes à Empresa Industrial Garcia.

O Amazonas Esporte Clube possuía uma equipe homogênea, integrada por aplaudidos valores, entre os quais destacavam-se Chiquito, Edgar, Meni Kielwagen, Nena, Ewaldo e Pedro Tensini, Boia, Ata Karsten, Amadeu, José Pera, além de outros. Mas, uma das principais, senão a principal figura do afamado onze amazonense, foi, naquela época, o valente, elástico e aplaudido goleiro Rodolfo Rosumeck. Suas atuações, no reduto final da aprimorada equipe amazonense, tornaram-se, ao longo dos anos em que ele defendeu aquela meta, conhecidíssimas em todo o Estado de Santa Catarina. Rodolfo Rosumeck era, sem sombra de dúvida, motivo de tranquilidade e confiança dos homens que guardavam a zaga e a linha média do Amazonas. Ele orientava seus companheiros e sabia colocar-se, sempre na linha de arremessos dos adversários, tornando-se assim, muito difícil de ser vazado seu reduto.

Hoje, passados tantos anos daquelas soberbas atuações do Amazonas, ainda nos lembramos bem da figura atlética e técnica de Rodolfo Rosumeck. Ele iniciou-

se no futebol, defendendo as cores do Tamandaré, de Ibirama, cidade onde nasceu a 03 de fevereiro de 1911. Aos 17 anos, já como goleiro consagrado em Ibirama por suas magníficas atuações no Tamandaré, Rodolfo mudou-se para Blumenau, ingressando, no dia 14 de novembro de 1928, como operário aprendiz de tecelão, na Empresa Industrial Garcia, começando seu primeiro dia de serviço às 13,30 horas, ou seja, no segundo turno que terminava às 10 horas da noite. Foi aí que Rodolfo conheceu a equipe do Amazonas. Como era ainda desconhecido, não teve oportunidade imediata de ingressar na equipe, mesmo porque era muito jovem. Assim, começou a jogar na equipe do Guarani, que possuía seu campo nas proximidades de onde hoje acha-se o quartel do 23º. B.I. Depois, jogou no Bom Retiro. Nesses dois anos de atuações naquelas equipes, Rodolfo mostrou sua grande versatilidade como goleiro, projetando-se sobremaneira no conceito dos torcedores em geral. Foi então que conduziram-no para a equipe do Amazonas, numa quase imposição do Diretor da Empresa Industrial Garcia, o sr. João Medeiros, o qual, para Rodolfo foi um dos seus melhores amigos, de saudosa memória.

A partir de então, Rodolfo tornou-se o titular absoluto do arco amazonense, começando uma carreira esportiva verdadeiramente vibrante, rodeado sempre

por seus inúmeros admiradores e amigos.

Agora já um completo tecelão, administrando a produção de dois teares "Chaquart", Rodolfo sentia-se muito feliz. Treinava com assíduo e, nos fins de semana, estava sempre na melhor forma para defender o arco daquela famosa esquadra que, nos anos 30 a 40, deixou saudades. Ele cita, ainda, além dos jogadores já mencionados, os nomes de Noventa e de Amadeu, que compunham a forte equipe amazonense.

Aos 26 anos de idade, profissional tecelão capacitado e goleiro consagrado, Rodolfo passou a viver outra vida. Casou-se com Irma, nata Westphal, nascida dia 23 de setembro de 1915. O casamento ocorreu no dia 17 de abril de 1937. Deste consórcio, nasceram-lhes dois filhos: Adalberto e Marlene. E dos dois filhos, resultaram cinco netos, sendo um de Marlene e 4 de Adalberto. E deste, lhes foi proporcionada a felicidade de nascerem, de seus filhos, 6 bisnetos.

Rodolfo Rosumeck lembra com gratidão de vários diretores que passaram pela Empresa, enquanto trabalhava na mesma. Cita, além do sr. João Medeiros, seu grande amigo a quem muito admirava e estimava, o sr. Ernesto Stodieck Jr., Max Pagel, Felix Hauer, Curt Prayon e Rolf Ehlke. Para todos, tem uma palavra de carinho e respeito. Não culpa nenhum dos diretores pelo desgosto que teve. Quando aposentado, permaneceu trabalhando como contra-mestre durante mais três anos. Queria continuar ainda muitos anos a trabalhar, mas o dispensaram, com o argumento de

que ele deveria usufruir de sua aposentadoria. Ele diz que, em certas ocasiões, virava dia e noite, para garantir a produção necessária à empresa. Trabalhava até 3 ou 4 horas da madrugada, ia em casa tomar café e retornava logo após, trabalhando durante todo o dia. Trabalhava porque gostava de trabalhar, assim como gostava de jogar.

Ainda referindo-se ao futebol, Rodolfo diz que considerava como o mais completo goleiro de todos os tempos, o então goleiro do Blumenauense, (atual Olímpico), Kuenich, que mais tarde foi ecônomo do C.N. América e, posteriormente, do Centro Cultural 25 de Julho, já falecido e de saudosa memória. Diz ainda que a maior vitória do Amazonas aconteceu sobre o Recreativo Brasil Esporte Clube, hoje Palmeiras, por 13 a 0. Na partida seguinte, de revanche, houve empate e resultou numa briga enorme em que saíram muitos feridos.

Referindo-se à seus anos de solteiro, Rodolfo conta-nos um fato ocorrido num salão existente no Vorstadt, denominado Salão Bretzki.

Diz ele que estava participando das danças e a festa era animada, com muitas moças e muitos rapazes divertindo-se. Lá pelas tantas, o "tempo fechou", armando-se uma briga enorme entre dois grupos de rapazes. Rodolfo diz que a briga foi devido a uma jovem ter-se negado a dançar com alguém. Ele, que nada tinha a ver com a história, também foi ferido a faca. Diz que nunca viu tanta faca sendo exibida pelos briguentos.

Naqueles tempos, não havia

um serviço de ônibus regular do bairro Garcia para a cidade. Existia um motorista conhecido por Zep, que possuía um Ford-Balão ano 1927 e que servia de táxi. Havia também um ônibus do sr. Bohem, que fazia transportes esporádicos à cidade e vice-versa, mas que não havia horários predeterminados. Neste ônibus, Rodolfo nunca pagou passagem, e possuía carta-branca, pois Bohem era assíduo torcedor do Amazonas. Existia também um carro de mola de propriedade do sr. Gustavo Buerger e que fazia corridas, como táxi, do Garcia para o centro. No bairro Progresso, também havia um carro de mola, lá pelo Jordão e que servia a população local. Rodolfo lembra, ainda, como curiosidade da época, o ano em que José Pera (1935), participou do desfile carnavalesco na cidade, enfiado num carrinho de quatro rodas, no qual só ele cabia, usando uma tóca na cabeça e mamadeira na boca, puxado por um burrinho, recebendo muitos aplausos do povo que lotava os passeios da rua 15 de Novembro.

Como acontecimento trágico, Rodolfo lembra uma terrível enurrada ocasionada por um forte

temporal, nas proximidades dos anos 40, quando conseguiu salvar de morte certa o então jovem jogador Augusto de Souza, (mais tarde conhecido como "o velho Augusto", grande jogador do Palmeiras) e Chico Manco, Rodolfo atirou-se às águas e conseguiu retirar delas primeiro o Augusto e depois o Chico (este último ainda vive).

Retornando as suas memórias do tempo da Empresa Industrial Garcia, Rodolfo diz que uma de suas grandes alegrias, foi ver reconhecida sua dedicação profissional, ao ser promovido a contra-mestre no dia 1º de abril de 1951 (como diz ele, parece mentira, mas é verdade), mostrando-nos sua carteira profissional devidamente anotada.

Nos dias de hoje (Janeiro de 1996), Rodolfo vive ao lado de sua amada companheira Irma, em sua residência no bairro Bela Vista, Vorstadt. Vive de belas recordações, consciência tranquila do dever cumprido, tanto como esportista, como profissional tecelão e especialmente como pai, avô e bisavô, cercado do carinho de todos estes seus descendentes.

José Gonçalves

A ida de Fritz Müller ao Liceu Provincial em Desterro

VIEGAS FERNANDES DA COSTA

No dia 21 do mês de agosto do ano de 1852, chega à sede da Colônia Blumenau o célebre naturalista Dr. Fritz Müller (Johann Friedrich Theodor Müller) e sua família, constituída pela esposa Carolina e a filha Johanna de alguns meses de vida apenas, juntamente com seu irmão Augus-

to Müller, jardineiro formado no Jardim Botânico de Berlim.

A chegada de mais esses colonos (na verdade Fritz Müller não era um simples colono, mas sim, Doutor em Filosofia, médico e famoso naturalista devido aos seus estudos sobre moluscos na Ale-

manha) causou profunda alegria ao fundador da colônia, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Este já conhecia àquele e sentia-se imensamente honrado em recebê-lo no seio de seu estabelecimento colonial.

Tão logo chegados, os dois novos e ilustres habitantes da colônia recém fundada, puseram-se a trabalhar arduamente na construção de ranchos de ripa que, por algum tempo, seriam as suas moradias.

Já estabelecidos no núcleo do povoado, Dr. Blumenau passou a conhecer um pouco melhor a pessoa do sábio naturalista, e preocupou-se de sobremaneira com a irreligiosidade do mesmo. Era de sua intenção edificar uma colônia profundamente religiosa, e a presença do naturalista na sede era prejudicial àquele intento. Porém, ficou Hermann Blumenau um pouco mais tranquilo quando Fritz Müller mudou-se para uma região um pouco mais afastada da sede da colônia (o lote de número 01, de 49,5 hectares na região do Vorstadt), onde a influência sobre os colonos já não seria mais tão intensa.

Em carta datada de 1855, Hermann Blumenau escreve ao tio de "Fritz" o senhor Hermann Tromsdorff, que "é uma pena que tão sábio homem fique sepultado nestas matas desertas."

Sabendo o Dr. Blumenau que o presidente da província catarinense, o Sr. João José Coutinho, recém havia criado o Liceu Provincial (1856), pediu a este que aceitasse o sábio naturalista como professor do mesmo. Dessa maneira atingiria o Dr. Blumenau seu objetivo de manter uma profunda religiosidade em sua colônia, e ao mesmo tempo, presentear o naturalista com tamanha honra em reconhecimento ao seu trabalho.

Continho aceitou a indicação de Blumenau e ofereceu ao sábio a cadeira de matemática. De princípio, Fritz Müller não quis aceitar a oferta. Afinal, mal havia ele se estabelecido com a família na colônia e já teria que abandonar tudo para se transferir a Desterro. Só depois de

muita insistência do Dr. Blumenau, Fritz Müller aceitou ir conversar pessoalmente com o presidente Coutinho.

Por muitos trechos do litoral catarinense, em direção à capital, efetuou sua viagem caminhando. Durante essas caminhadas ia observando a grande quantidade de moluscos e outros seres marinhos que os vagalhões atiravam à praia. Observando esses animais lembrou-se "Fritz" dos estudos que havia desenvolvido sobre moluscos quando ainda estava na Europa.

Em conversa com o presidente Coutinho, "Fritz" acabou aceitando o cargo de lente de matemática e negando o de diretor do novo educandário, que ficou a cargo do jurista Becker.

O Liceu começou a funcionar em 1857 com as cadeiras de Francês, Inglês, Latim e Matemática. Com o tempo foram abertas vagas para outras disciplinas e, entre elas, a de Ciências Naturais de acordo com sugestão do próprio naturalista, que também foi o catedrático de mais essa cadeira. Foi também de "Fritz" a idéia de se criar um Jardim Botânico dentro da chácara do próprio Liceu Provincial; idéia essa imediatamente acatada pelo presidente provincial.

Durante os onze anos em que viveu e lecionou em Desterro, "Fritz" dividia seu tempo entre as aulas no Liceu (algumas poucas horas por dia), suas leituras científicas e suas excursões pelo litoral da ilha de Santa Catarina, descalço e vestido como um pescador. Nessas excursões pelo litoral catarinense, buscava encontrar moluscos, crustáceos e outros seres marinhos que pudesse investigar (inclusive, falha seria se não dissesse, em 1884, já a serviço do Museu Nacional do Rio de Janeiro ocupando a função de Naturalista Viajante, Fritz Müller encontrou algo extraordinário! Descobriu ele um novo espécime da fauna catarinense; um animal cujo gênero é *BALANOGLOSSUS*, do filo Chordata; um Enteropneusta. Esse espécime só foi novamente encontrado em 1950 pelo Prof. Wladimir Bernard.

O período compreendido entre 1856-1867 foi marcado pela grande quantidade de trabalhos científicos elaborados por "Fritz" na área de botânica e zoologia, as suas duas grandes paixões. Em 1864 publica o livro "Pró Darwin" na língua alemã, que é traduzido para o inglês em 1869. Nesse livro Fritz Müller desenvolve estudos sobre os crustáceos e moluscos, seu desenvolvimento e, dessa maneira, procura dar maiores subsídios à "Teoria da Origem das Espécies" de Darwin. Tal trabalho lhe trouxe um grande reconhecimento no meio científico mundial e lhe concedeu o direito de ser denominado por Charles Darwin de "o príncipe dos observadores da natureza do Brasil."

Ainda em Desterro, Fritz Müller teve a alegria de ver nascer duas de suas filhas: Thusnelda Müller em 26.10.1860 e

Selma Müller em 08.09.1863.

Em 1859 José Coutinho deixa a presidência da província catarinense e seus sucessores, sem tanto tino para a importância da educação, fazem com que o Liceu Provincial tenha a sua qualidade deteriorada. Professores são demitidos, instrumentos de laboratório são vendidos. Tudo isso faz com que Fritz Müller ficasse desgostoso com a situação e, em 1867, ele volta à Colônia onde a alguns anos tão efusivamente fora recebido com sua família.

Dessa maneira volta a poder tirar os calçados dos pés e caminhar descalço sobre a terra fértil da organizada Blumenau. Dedicou-se então, por algum tempo, a simples vida de colono. O que aconteceu a partir de então já é outra história.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA :

- 1 — SILVA, J. Ferreira da. **FRITZ MÜLLER, O SABIO COLONO.** in. CENTENÁRIO DE BLUMENAU : 1850 — 2 de setembro — 1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos. 1950 pág. 396-401.
- 2 — SILVA, J. FERREIRA da. **FRITZ MÜLLER E O PRESIDENTE COUTINHO.** in. Blumenau em Cadernos. Tomo I, nº. 08, junho/julho de 1958. pág. 143-146.
- 3 — NOMURA, Hitoshi. **GRANDE ACHADO CIENTIFICO DE FRITZ MÜLLER.** in. Blumenau em Cadernos. Tomo III, nº. 12, dezembro de 1960, pág. 232.
- 4 — FOUQUET, Carlos. **O RAMO BRASILEIRO DA FAMÍLIA DO Dr. FRITZ MÜLLER :** "sábio decifrador da natureza do Brasil." São Paulo: Tipografia Gutenberg-Becker & Cia. 1947.

ACONTECEU...

DEZEMBRO DE 1995

DIA 1º — O Secretário de Saúde, Luiz Eduardo Caminha, pediu uma auditoria em sua própria Secretaria, visando encontrar qual funcionário estaria recebendo propinas de empresas. o o o Começou a recuperação de pontos críticos da BR-470. o o o Foi sucesso o trabalho do Seminário Sócio-Econômico do Médio Vale do Itajaí.

o o o o o

DIA 02 — O Shopping "Direto da Fábrica" abriu suas portas ao público, com belo mostruário em suas vitrines. O local é o mesmo em que, até há pouco, operava a firma Prosdócimo, à rua 15 de Novembro.

o o o o o

DIA 03 — No Teatro Carlos Gomes, o Balet Prô Dança reapresentou, com novo sucesso, o balet COPPÉLIA. o o o A Imprensa (JSC) destaca a premiação re-

cebida pela Hering Têxtil, de Blumenau, de parte do Ministro do Meio Ambiente, o 3º Prêmio Expressão de Ecologia, — Troféu Onda Verde, pelo seu importante projeto "Gestão Ambiental". Parabéns!

o o o o o

DIA 05 — É destaque na Imprensa a informação de que, cerca de três toneladas de lixo — entulhos diversos — foram retiradas, numa ação conjunta com a população local, do ribeirão da rua Pedro Kraus e cujo lixo vinha causando extravasamento do ribeirão por ocasião das enxurradas, causando danos à própria população local. Bom trabalho comunitário e educativo para as crianças.

o o o o o

DIA 07 — No Bistrô 69, Shopping Neumarkt, realizou-se show de lançamento da fita da Magnata 25 anos, excelente orquestra, com pleno sucesso e muitos aplausos. o o o No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se a "Master 95, a Dança das Profissões" — espetáculo de jazz e Stret Dance, da Academia Master Fitness Club. o o o A imprensa alerta para o perigo de picada de cobra, durante o verão, isto porque, com o intenso calor, o ofídio costuma sair das tocas para procurar lugar mais fresco e, geralmente, invade jardins. o o o É destaque a notícia de vasto incêndio em mata atlântica no município de Gaspar. As chamas queimaram durante sete dias, apesar da luta dos bombeiros e militares. Finalmente copiosas chuvas conseguiram acabar de vez com o lamentável desastre ecológico.

o o o o o

DIA 13 — No Instituto de Autodesenvolvimento Anahata, localizado à rua Cel. Feddersen, Itoupava Seca, realizou-se o Concerto de Verão, do Projeto Quatro Estações, sob o título Apogeu da Natureza.

o o o o o

DIA 14 — Na sala de leituras da Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", realizou-se expressiva noite de autógrafos, com o lançamento do livro, em língua portuguesa, da obra de José Deeke — **O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento**, edição financiada por seu neto Niels Deeke. Foi uma noite de sucesso pleno, pelo comparecimento de numerosos convidados. O livro se constitui na principal fonte e raiz de toda a história de Blumenau desde sua fundação.

o o o o o

DIA 15 — Grupo de Cantores dos Correios — Coral Clave Sul dos Correios — encantou a população blumenauense que circulou pela rua 15 de Novembro, com maravilhosos números natalinos. Eles se postaram nas escadarias da igreja matriz de São Paulo Apóstolo e foram muito aplaudidos. O coral faz parte do Projeto Canto a Canto do Brasil, da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e é regido pelo maestro Edésio Nicolau Martins. O coral se compõe de 23 cantores.

o o o o o

DIA 16 — Em tournée pelo Sul do Brasil, a Orquestra de Viena apresentou-se no Teatro Carlos Gomes, sob muitos aplausos de seleta platéia.

DIA 17 — No Teatro Carlos Gomes, mais um espetáculo comovente: apresentação, sob muitos aplausos, do conceituado coral Camerata Vocale e a maravilhosa Orquestra de Câmara, que esteve completando seus 14 anos de plena atividade e muitos aplausos.

o o o o o

DIA 19 — Uma maravilhosa chuva de fogos de artifícios iluminou a festa de chegada do Papai Noel na Prainha, em Blumenau. O velhinho chegou do céu, descendo de para-quedas, sob muitos aplausos e alegria da petizada. o o o A Imprensa destaca que o Posto de Atendimento no INSS de Blumenau, sito à rua John Kenedy, foi destacado com o prêmio de Qualidade e Produtividade em 1995. Ocupou o primeiro lugar, no ranking em todo o Estado. Parabéns! o o o No Salão Nobre da Câmara de Vereadores de Blumenau, realizou-se importante solenidade de lançamento do livro-coletânea de 34 poetas de Santa Catarina, obra patrocinada pelo Legislativo blumenauense sob a liderança do vereador e poeta Ivo Hadlich. Foi uma solenidade bem sucedida e digna dos maiores aplausos.

o o o o o

DIA 20 — É destaque a notícia da vitória no Concurso de decoração de praças de Blumenau, promovido pela Fundação "Casa Dr. Blumenau". O primeiro lugar coube à Praça City Figueiras, no bairro Vorstadt. A segunda, a Praça Largo Viena, à rua Quatro de Fevereiro, bairro de Itoupava Norte. A terceira, a Praça Johann Peter Wagner, à rua Itajaí.

o o o o o

DIA 22 — Devido à prolongada estiagem que reduziu em muito o nível do rio Itajaí-açu, a balsa que dá passagem de Passo Manso a Badenfurt, foi interditada até que chuvas façam aumentar o nível das águas. o o o No bairro Fortaleza, grande Incêndio destruiu boa parte da já escassa mata nativa ali existente. Os bombeiros tiveram muito trabalho para deter as chamas. o o o Na rua Emilio Tallmann, Garcia, foi inaugurado o trecho que faltava, agora com rua asfaltada. o o o No Aeroporto **Quero-Quero** começou a operar novo avião da TAM: o **Fokker-50**, turbo élice.

— O novo aparelho da TAM tem capacidade para 48 passageiros.

o o o o o

DIA 27 — A imprensa destaca a tragédia acontecida no sul do Estado, com a fúria das águas matando e destruindo, inclusive interditando o trânsito de veículos pela BR-101. o o o Em Florianópolis, aconteceu a **Chuva do Século**. Foi pavoroso o que aconteceu nos bairros e no centro da capital, principalmente nas áreas mais baixas. A história não conhece acontecimento idêntico neste século.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

José Gonçalves

DIA 02/02/1946 — O jornal destaca o violento temporal que desabou sobre Blumenau e toda a região do Vale do Itajaí, preocupando a população com a possibilidade de uma grande enchente que felizmente não aconteceu na escala prevista.

o o o POR DECRETO do presidente Eurico Gaspar Dutra, foi nomeado interventor no Estado de Santa Catarina, para mandato até as eleições, o engenheiro blumenauense Udo Deeke.

DIA 03/02/1946 — Jogando em Joinville contra o América F.C., a equipe do G. E. Olímpico, de Blumenau, perdeu pela contagem de 8 a 4. O Olímpico jogou com Waldir I, Waldir II e Arécio; Pilolo, depois Piska, Heine e Jalmo; Nandinho, Ico, depois Paulinho, Abreu, Amauri, depois Nicácio e Brito. o o o EM BUENOS AIRES, a seleção brasileira de futebol, pelo Campeonato Sulamericano, venceu a seleção do Chile por 5 a 1. A seleção brasileira jogou com: Ari, Newton e Norival; Ivan, Rui, depois Danilo e Aleixo, depois Rui; Tesourinha, Zizinho, Heleno, Jair e Chico. o o o CHEGOU A BLUMENAU, para uma longa temporada, o afamado Circo Irmãos Queirolo.

DIA 08/02/1946 — A Inspetoria Regional dos Correios e Telégrafos de S.C., criou duas novas zonas de distribuição dos correios em Blumenau, localizadas, uma no bairro da Velha e a outra no bairro Garcia.

DIA 09/02/1946 — Na madrugada deste dia, faleceu no Hospital Santa Isabel, onde achava-se internado, o capitão Euclides de Castro, vibrante jornalista e ex-membro da força militar que atuou com destaque na Guerra do Contestado. Seu falecimento consternou a população blumenauense, entre a qual era pessoa admirada e bemquista. Era popularmente conhecido como "Capitão Canudinho".

DIA 10/02/1946 — No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se em noite de gala, o aplaudido artista Procópio Ferreira e seus comediantes, com a peça "O Incrível Dr. Bonet". o o o A EQUIPE DO G. E. Olímpico venceu a do Afonso Pena, de Joinville, por 3 a 0. o o o O SELECIONADO brasileiro perdeu para o selecionado argentino por 3 a 0, na decisão final pelo Campeonato Sulamericano de Futebol. Os argentinos sagraram-se campeões. o o o EM JOINVILLE, o Caxias venceu o Avaí, da capital, por 2 a 0.

DIA 11/02/1946 — Na segunda noite de apresentações em Blumenau, a Cia. de Comédia de Procópio Ferreira encenou a peça "Serão Homens Amanhã".

DIA 12/02/1946 — Procópio Ferreira e seus comediantes apresentaram a aplaudida peça "Maria Cachucha".

DIA 13/02/1946 — Despedindo-se da platéia blumenauense, a Cia. de Comédia de Procópio Ferreira apresentou, sob intensos aplausos, e peça de Joracy Camargo, DEUS LHE PAGUE. Foram quatro apresentações de absoluto sucesso, com os salões do Teatro Carlos Gomes sempre lotados.

DIA 14/02/1946 — O eng^o. blumenauense Udo Deeke tomou posse como interventor no governo de Santa Catarina.

DIA 15/02/1946 — Tomou posse no cargo de prefeito de Blumenau, nomeado pelo interventor Dr. Udo Deeke, o sr. Germano Beduschi.

DIA 23/02/1946 — No Clube Náutico América, foram abertos os salões para o grande Baile dos Casados, uma tradição de muitos anos. o o o NO AUTOMOVEL Clube de Blumenau, foi eleita nova Diretoria, cabendo a presidência ao sr. Rolf Kaemer e a vice-presidência ao sr. João Pradi.

DIA 28/02/1946 — O jornal destaca, na página social, o noivado do jovem Paulo Klopfel, hoje nosso leitor, com a então srta. Valdemira Corrêa, filha da viuva da. Maria Corrêa. o o o TAMBÉM é destaque, no mesmo dia, o noivado de Rubens Koch, com a jovem Virginia Corrêa, irmã de Valdemira.

REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (II)

Pe. Antônio Francisco Bohn

III — Papéis Importantes :

1 — O episcopado brasileiro ao clero e aos fiéis da Igreja do Brasil (carta pastoral) 1890.

2 — Carta pastoral do vigário capitular da diocese do Rio de Janeiro, dando publicidade à circular de S.S. o Papa Leão XIII com o fim de pedir esmolas para extinguir a escravidão na África — 1890.

3 — Carta pastoral do Bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro saudando os seus diocesanos — 1891.

4 — Carta pastoral de Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba, saudando seus diocesanos no dia de sua sação. Roma, 1894.

5 — Carta pastoral de S. Excia. Revma. o Sr. Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba, anunciando aos seus diocesanos a visita pastoral. Curitiba, 1895.

IV — Outros documentos de interesse comum

1 — Documento de adesões ao Santíssimo e Imaculado Coração de Maria para a conversão dos pecadores-4 de junho de 1874.

2 — Documento de colocação da Via-Sacra na Igreja Matriz de São Luiz pelo Revmo. Pe. Augusto Servanzi — 01 de novembro de 1885.

3 — Título do terreno da Igreja do seguinte teor: O cidadão Cristóvão Nunes Pires, segundo vice-presidente do Estado de Santa Catarina. Faço saber que tendo

o Pe. Antônio Eising, Nicolau Gracher e Adriano Schaefer, representantes da Comunidade Católica da Vila Brusque, pago na coletoria da mesma Vila a quantia de sessenta e nove mil, cento e nove réis, valor de uma área de terras que foi concedida à dita comunidade, contendo 19.205b2 380... como consta dos documentos apresentados e ora arquivados na Secretaria do Governo, ficam os mencionados: Pe. Antônio Eising, Nicolau Gracher e Adriano Schaefer, como representantes da mesma comunidade, investidos no dretório da propriedade das terras compreendidas na dita área na conformidade do decreto número 3784 de dezanove de janeiro de 1867. Palácio do governador do Estado de Santa Catarina, em 14 de novembro de 1893. Christóvão Nunes Pires. Despacho de sete de novembro de 1893. — O Diretor Júlio Cajetano. R. 34v — L. VII.

(Nota) À página 5v. está a planta do terreno da Igreja Católica.

Capelas que pertencem à Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga na Vila Brusque :

1 — Igreja de Nossa Sra. do Caravágio em Azambuja, 3 km. da Vila Brusque. Esta capela foi feita novamente nos anos de 1894 e 1895 por ter o povo em todas as partes da Paróquia e fora dela grande devoção e confiança em Maria Santíssima sob aquela invocação, festa 26 de maio.

2 — Capela de Nossa Senhora da visitação, em Poço Fundo, 7 km, festa 21 de

novembro.

3 — Capela de Nossa Senhora da Glória em Ponta Russa, 8 km, festa 15 de agosto.

4 — Capela de Nossa Senhora do Carmo, no Cedro Pequeno, 1 km, festa 16 de julho.

5 — Capela de São Pedro no Cedro Grande, 17 km, festa 29 de junho.

6 — Capela de Nossa Senhora das Dores, em Águas Negras, 22 km.

7 — Capela de São José em Porto Franco, 30 km.

8 — Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Lageado, 22 km, festa 8 de dezembro.

9 — Capela de Nossa Senhora do Amparo em Guabiruba do Norte, 7 km, festa 24 de maio.

10 — Capela de Nossa Senhora do Rosário em Barracão, 14 km, festa primeiro domingo de outubro.

11 — Capela de Santo Antônio em Gasparinho, 21 km, festa 13 de junho.

12 — Capela de Santo Antônio no Brilhante, 23 km, festa 13 de junho.

13 — Capela de Nossa Senhora da Assunção em Limeira, 14 km, festa terceiro domingo de agosto.

Avisos :

Contidos no "Ordo divini officii" ano de 1895 transcritos no livro de Tombo, pela ordem do Revmo. Sr. Bispo Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba.

1* — Obrigação dos párocos e curas fazerem com o povo a renovação dos votos do Batismo no domingo da SS. Trindade.

2* — Obrigação dos párocos e curas de recitarem com o povo antes da Missa os Atos de Fé, Esperança e Caridade.

3* — Obrigação dos párocos e curas de recitarem com o povo três Ave-Marias e o Salve Rainha ao Sumo pontífice.

4* — Obrigação dos párocos e curas de fazerem uma coleta em favor dos escravos da África.

5* — Obrigação dos párocos e curas de receberem esmolas para as necessidades da Terra Santa.

6* — Nas Matrizes, Igrejas e Oratórios públicos consagrados a Nossa Senhora, seja recitado o Rosário todos os dias, Ladainha e Oração a São José.

7* — Na Quaresma, que os párocos e curas avisem aos fiéis da obrigação da confissão anual e comunhão pascal, obrigações do jejum e da abstinência.

8* — Indulto Apostólico sobre dispensa da abstinência exceto quarta-feira de cinzas, quinta-feira santa, sexta-feira maior e todas as outras sextas-feiras do ano e sábado santo.

9* — Ainda a respeito do jejum e o uso da carne.

10* — O bispo ordena aos sacerdotes que enviem missas e declarações de intenções das que não puderem ser celebradas (no final de cada ano).

11* — Por ocasião da renovação das provisões, devem os vigários, curas, capelões, e sacerdotes apresentarem requerimento acompanhados das últimas que lhes foram concedidas.

Textos : da Renovação das Promessas do Batismo, Ato da Renovação, Atos de Fé, Esperança e Caridade.

1. Provimento da Visita de Dom José de Camargo Barros à Paróquia de São Luiz Gonzaga, aos 29 de agosto de 1895.

2. Provimento especial da Visita :

I — Os sacerdotes só estão autorizados a exercer funções religiosas desde que possuam provisões.

II — Os sacerdotes, mesmo com provisão, devem usar a batina eclesiástica.

III — Insistência para que os sacerdotes recitem com o povo os Atos de Fé, Esperança e caridade.

IV — Insistência sobre o dever da pregação do Evangelho aos domingos e dias santos, bem como da doutrina.

V — O sacramento do matrimônio seja precedido pelo da penitência.

VI — Sobre a limpeza e conservação das Igrejas e suas alfaías.

VII — Seja lançado no Livro Tombo o inventário geral de todos os bens móveis e imóveis.

VIII — Os sacerdotes são os colabo-

padres dos Bispos.

Brusque, 29 de agosto de 1895.

Obs. : Sendo levado este livro de Tombo pelo Pe. Alberto José Gonçalves para Curitiba e só devolvido em 10 de outubro de 1896, foram registradas em outro livro as cartas episcopais e avisos do Bispo Diocesano :

1. Avisos comunicados no Ordo de 1896.

2. Aviso episcopal quanto ao cemitério (26.10.1895).

3. Carta pastoral sobre o Ólulo Diocesano (16.01.1896).

4. Carta sobre o catecismo, casamentos nulos.

5. Carta pastoral de Dom José sobre a consagração em 24.06.1894.

6. Carta pastoral de Dom José sobre sua visita de pastoral de 24.02.

GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges

(Continuação)

N1-18 — Jacó Gesser, n. 09.03.1867, bat. Spa, a 01.04.1867 — (75-77), fl. 99, T 36, f. João Gesser, n. 27.07.1837 e Maria Schmidt, n. 24.04.1839 — n/p João Pedro Gesser, n. 1816 e Catarina Clasen — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819.

N2-19 — Fernando Gesser, n. 27.05.1882 — (FBOG, fl. 287), f. Jacó Gesser, n. 27.07.1837 e Maria Schmidt, n. 24.04.1839 — cc Mariana Reitz, n. 12.04.1880 em Rachadel/AC — (Fi — PR Reitz, F 8, fl. 144) — f. João Adão Reitz, n. 18.12.1842, em (Hirschfeld-Zell/Alemanha), + a 28.02.1940, em Rachadel/AC. Em 1867, cc Maria Reinert, n. 18.06.1848 — Louro/AC e + a 26.08.1918 em Rachadel, f. Nicolau Reinert e Maria Schmitz, n/p — Johann Reitz, n. 1799 (V) e Ana Catarina Klein. Pai de 4 filhos.

B1-1 — João Adão Gesser, n. 11.01.1909, Rachadel/AC. — cc Catarina Decker, n. 06.12.1915, Rachadel/AC, f. Antonio Decker e Filomena Franzner — n/p Nicolau Decker, alemão e Elisabeth Simonés — n/m José Franzner e Maria Reinert. Pai de 8 filhos :

T1-1 — Fernando José Gesser, n. 16.04.1932.

T2-2 — Maria Francisca Gesser, n. 04.10.1934.

T3-3 — Luzia Gesser, n. 05.07.1936.

T4-4 — Antonio Gesser, n. 10.03.1938.

T5-5 — Teobaldo Gesser, n. 30.10.1940.

T6-6 — Pedro Gesser, n. 11.03.1942.

T7-7 — Apolônia Gesser, n. 19.01.1944, + c/ 1 dia.

T8-8 — Sebastião Gesser, n. 08.02.1946, + c/ 0 dias?.

B2-2 — Blásio Gesser, n. 22.11.1912 — Rachadel/AC. Em 1^{as}. núpcias, cc Maria Pauli, n. 01.01.1914 — Rachadel, onde + a 04.02.1949, c/ 35 anos f. Vendelino Henrique Pauli e Inês Kons — n/p Henrique Pauli e Maria Madalena Berns — n/m Pedro Kons e Margarida Scherer. Teve 7 filhos :

T1-9 — Celsa Maria Gesser, n. 23.12.1940 — cc Edmundo Petry.

T2-10 — Bruno Gesser, n. 17.02.1942, Seminarista.

T3-11 — Blásio Matias Gesser, n. 25.06.1943.

T4-12 — José Nilo Gesser, n. 07.09.1944.

T5-13 — Inês Gesser, n. 13.09.1946.

T6-14 — Irma Teresinha Gesser, n. 23.10.1947.

T7-15 — Zita Luzia Gesser, n. 31.12.1942.

Em 2^{as}. núpcias :

Blásio Gesser, n. 22.11.1911 — cc Olga Gorges, n. 17.04.1921, Perdidas, Angelina — f. Estevão Gorges e Maria Kons — n/p Matias Gorges e Ana Sens, f. Egídio Sens e Catarina Meinchein — n/m Pedro Kons e Margarida Scherer — b/p Matias Gorges e Gertrude Kuhnen — t/p Matias Gorges e Margaretha Laux. Teve 11 filhos :

T8-16 — Estevão Gesser, n. 04.02.1951.

T9-17 — Jairo Gesser, n. 18.07.1952.

T10-18 — Jaime Gesser, n. 18.07.1952.

T11-19 — Afonso Gesser, n. 21.10.1953.

T12-20 — Albano Gesser, n. 26.07.1955.

T13-21 — Maria de Lourdes Gesser, n. 22.02.1957.

T14-22 — Benedito Gesser, n. 18.08.1958.

T15-23 — Expedito Gesser, n. 18.08.1958.

T16-24 — Sebastião Blásio Gesser, n. 14.02.1960.

T17-25 — Cecília Gesser, n. 14.02.1960.

T18-26 — Ivo Gesser, n. 24.12.1961.

B3-3 — Aloísio Fernando Gesser, n. Lui?, n. 19.02.1913, Rachadel/AC, f. Fernando Gesser, n. 27.05.1882 e Maria Besen, n. 23.01.1921, f. Roberto João Besen e Maria Filomena Pauli — n/p João Antonio Besen e Gertrudes Simones — n/m Henrique Pauli e Maria Madalena Berns — b/p Cristóvão Besen e Margarida Schmidt. Pai de 15 filhos :

T1-27 — José Lino Gesser, n. 28.06.1941.

T2-28 — Ambrósio Gesser, n. 27.12.1942.

T3-29 — Maria Gesser, n. 01.04.1944.

T4-30 — Ana Bertolina Gesser, n. 26.06.1945.

T5-31 — Salésio Gesser, n. 28.10.1946.

T6-32 — Bárbara Gesser, n. 26.02.1948.

T7-33 — Teresinha Gesser, n. 31.07.1949.

T8-34 — Mariana Gesser, n. 19.09.1950.

T9-35 — Albino Gesser, n. 05.02.1952.

T10-36 — João Gesser, n. 14.10.1953, + c/ 1 dia.

T11-37 — Vitorino Gesser, n. 14.10.1953.

T12-38 — Inácio Gesser, n. 04.04.1955.

T13-39 — João Gesser, n. 27.11.1956.

T1-42 — Maria Celsa Klein, n. 31.12.1940, Rachadel/AC — cc José Petry, n. 13.05.1944, f. João Petry e Maria Richard — n/p Jacó Petry e Maria Schütz — n/m João Richard e Margarida Petry.

T2-43 — Célia Klein, n. 03.04.1942.

T3-44 — José Klein, n. 05.05.1943.

T4-45 — Teresa Klein, n. 18.09.1944.

T5-46 — Bertino Klein, n. 16.12.1945, + c/ 2 anos.

T6-47 — Leonila Klein, n. 12.09.1947.

T7-48 — Rainilda Klein, n. 09.05.1949.

T8-49 — Imelda Klein, n. 03.11.1950.

T9-50 — Bertolina Klein, n. 07.01.1952.

T10-51 — Pedro Paulo Klein, n. 28.06.1953.

T11-52 — João Klein, n. 23.06.1958.

N3-10 — Jacó Gesser Jr., f. Jacó Gesser, n. 27.07.1837 e Maria Schmidt, n.

24.04.1839 — n/p João Pedro Gesser e Catarina Clasen — n/m Nicolau Schmidt e Margarida Bins — cc Margarida Berns. Pai de 1 filho.

B1-5 — Germano Jacó Gesser, n. 30.05./1897 — cc Rosina Reitz, n. 11.03.1906 — (Reitz V, M 43), fl. 139, Fi — PR Reitz, f. João Adão Reitz, n. 05.02.1876 — Rachadel/AC e Maria Hoffmann — AC — n/p João Adão Reitz, n. 18.12.1842, em Hirschfeld-Zell/Al. e Maria Reinert, n. 18.06.1848 — (fl. 112, Fi. PR Reitz, V). Pai de 13 filhos.

T1-53 — Maria Madalena Gesser, n. 22.07.1923 — Belchior Alto/Gaspar, f. Germano Jacó Gesser e Rosina Reitz — cc Gabriel Rudolf, n. 28.03.1916 — Luiz Alves, f. Miguel Rudolf e Filomena Schmidt — n/p José Rudolf e Berta — n/m Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845 — (II Ramo, F1-N8) e fl. 140, Fi — PR Reitz, (B 219). Pai de 9 filhos.

T2-54 — Ermelinda Gesser, n. 13.10.1925, Belchior Alto/Gaspar — cc Alidor Bader, n. 12.07.1924, em Blumenau, f. Francisco Bader e Sofia Zot — n/p Richard Bader e Alvina Kraus — n/m José Zot e Ana Sperbel. Pai de 9 filhos.

T3-55 — José Francisco Gesser, n. 09.05.1927, Gaspar — cc Herta Lucioni, n. 13.09.1932 — Luiz Alves, f. Vicente Lucioni e Hilda... Pai de 5 filhos.

T4-56 — Lino Gesser, n. 03.09.1929, Belchior — cc Angelina Scaburi, n. 25.11.1929, Luís Alves — f. João Scaburi e Luisa... Pai de 5 filhos.

T5-57 — Dionísio Gesser, n. 29.07.1931, +.

T6-58 e T7-59 — Antônio Miguel e Bárbara Gesser, gêmeos, n. 03.08.1933 e + +.

T8-60 — Martinha Gesser, n. 29.07.1939.

T9-61 — Teresinha Gesser, n. 13.05.1936 — cc Bernardo Schatz, s.s.

T10-62 — Protásio Gesser, n. 16.01.1938.

T11-63 — Blásio Gesser, n. 03.10.1939.

T12-64 — Afonso Gesser, n. 1941.

T13-65 — Arcísio Gesser, n. 12.04.1943.

F3-3 — Nicolau Schmidt, n. 05.08.1840, f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819.

F4-4 — Catarina Schmidt, n. 25.10.1842, bat. a 12.12.1842, S.J. — (76V-3) e + a 03.12.1905 c/ 63 a., Spa — (90-17), f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819. Em 22.11.1862, cas. Spa, (51-5) — cc Jacó Ludwig, n. 1836, + 29.04.1912, c/ 76 a., f. João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth Winter, n. 1810 — 2ª. esposa. Pai de 10 filhos.

N1-21 — Catarina Ludwig, n. 02.09.1863, bat. Spa a 18.10.1863 — (72-44), fl. 58 — Spa, f. Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — n/p João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth Winter, n. 1810, 2ª. esposa — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — cc Pedro José Alflen, f. Pedro Alflen e Maria Bonn.

B1-6 — Benjamin Alflen, n. 27.11.1891, R.C., Ang. 29.11.1891 — (42-1) — Perdidas, f. Pedro José Alflen e Catarina Ludwig, n. 02.09.1863.

N2-22 — Pedro Ludwig, n. 16.04.1865, bat. a 07.05.1865 — (73-58), fl. 82, T 31 — Spa, f. Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — n/p João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth Winter, n. 1810, 2ª. esposa — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — b/p João Ludwig, o 1º. cc Marla — b/m João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, 1792 — cc Ana Maria Hoffmann, f. Egidio Hoffmann e Maria Meinchein — (36V-197), R.C. Spa, fl. 79, T 207. Pai de 9 filhos.

B1-7 — Ernesto Ludwig, f. Pedro Ludwig, n. 16.04.1865 e Ana Maria Hoffmann — cc Apolonia Sens, f. Matias Gil Sens e Catarina Gorges, n. 1859 — n/p Egídio Sens, n. 1821 e Maria Hoffmann, n. 10.10.1836 — n/m Antonio Gorges, n. 05.07.1830 e Catarina Trierweiler, n. 1833. Pai de 11 filhos — (34-330) Itup.

T1-66 — Maria Ludwig — Guarapuava, PR — cc João Forkam.

T2-67 — José Ludwig — cc Maria Schmidt.

T3-68 — Marcolino Ludwig — cc ... Mees.

T4-69 — Aron Ludwig — cc.

T5-70 — Rosina Ludwig — cc Martin Forkam.

T6-71 — Leonila Ludwig — solt.

T7-72 — Dominila Ludwig — cc Pedro Schmidt.

T8-73 — Paulinho Ludwig — cc... Sens.

T9-74 — Antonio Ludwig — cc... Moraes.

T10-75 — Pedro Ludwig — cc... Hoffmann.

T11-76 — Antonia Ludwig — cc... Several.

B2-8 — Leopoldo Ludwig, f. Pedro Ludwig, n. 16.04.1865 e Ana Maria Hoffmann — cc Rosalia Sens, f. Matias Gil Sens e Catarina Gorges, n. 1859 — n/p Egídio Sens, n. 1821 e Maria Hoffmann, n. 10.10.1836 — n/m Antonio Gorges, n. 05.07.1830 e Catarina Trierweiler, n. 1833. Pai de 7 filhos — (33V-322).

T1-77 — Marta Ludwig — cc Osmar Filipi — Itup.

T2-78 — Semão Ludwig — cc Olga Faria — Fpolis.

T3-79 — Olga Ludwig — cc Tony Plofel — Jaraguá.

T4-80 — Antonia Ludwig — cc Ulrich Müller — Itup.

T5-81 — José Ludwig — cc... — Otacilio Costa.

T6-82 — Edith Ludwig — cc José Roling — Itup.

T7-83 — Joana Ludwig — + solt.

B3-9 — José Pedro Ludwig, n. 11.03.1897, f. Pedro Ludwig, n. 16.04.1865 e Ana Maria Hoffmann — n/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — n/m Egídio Hoffmann e Maria Meinchen — cc Matilde Schmidt, f. Clemente Nicolau Schmidt e Leopoldina Clasen — n/p Nicolau Adão Schmidt, n. 1838 e Ana Catarina Reitz, n. 13.10.1836.

T1-84 — Maria Ludwig, n. 17.11.1929, f. José Pedro Ludwig, n. 11.03.1897 e cc Matilde Schmidt — n/p Pedro Ludwig, n. 16.04.1865 e Ana Maria Hoffmann — n/m Clemente Nicolau Schmitt e Leopoldina Clasen — b/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842. Em 02.09.1950, cas. Itup. — cc Aloísio Sens, n. 16.06.1925, f. Matias Antonio Sens, n. 1880 e Regina Perard, n. 1881 — n/p Antonio Egídio Sens e Maria Gorges — n/m Pedro Perard e Sofia Allein — b/p Egídio Sens, n. 1821 e Maria Hoffmann, n. 10.10.1836 — b/m Antonio Gorges, n. 05.07.1830 e Helena Ludwig, n. 1831, f. João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth (Luisa, Isabela) Winter, n. 1810. Pai de 7 filhos.

O1-1 — Lorena Sens, n. 11.06.1951 — cc Silvío Gamborges Valin, c/ 2 filhos.

O2-2 — Vera Lúcia Sens, n. 01.08.1953 — cc Lauro Luiz Ramos, c/ 3 filhos.

T7-83 — Joana Ludwig — + solt.

B3-9 — José Pedro Ludwig, n 11/03/1897, f. Pedro Ludwig, n 16/04/1865 e Ana Maria Hoffmann — n/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25/10/1842 — n/m Egídio Hoffmann e Maria Meinchen — cc Matilde Schmidt, f. Clemente Nicolau Schmitt e Leopoldina Clasen — n/p Nicolau Adão Schmitt, n. 1838 e Ana Catarina Reitz, n. 13/10/1836.

T1-84 — Maria Ludwig, n. 17/11/1929, f. José Pedro Ludwig, n. 11/03/1897 e

cc Matilde Schmitt — n/p Pedro Ludwig, n. 16/04/1865 e Ana Maria Hoffmann — n/m Clemente Nicolau Schmidt e Leopoldina Clasen — b/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25/10/1842.

Em 02/09/1950, cas. Itup. — cc Aloísio Sens, n. 16/06/1925, f. Matias Antonio Sens, n. 1880 e Regina Perard, n. 1881 — n/p Antonio Egídio Sens e Maria Gorges — n/m Pedro Perard e Sofia Allein — b/p Egídio Sens, n. 1821, e Maria Hoffmann, n. 10/10/1836 — bm Antonio Gorges, n. 05/07/1830 e Helena Ludwig, n. 1831, f. João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth (Luisa, Isabela) Winter, n. 1810.

Pais de 7 filhos.

Q1-1 — Lorena Sens, n. 11.06.1951 — cc Sílvio Gamborges Valin, c/ 2 filhos.

Q2-2 — Vera Lúcia Sens, n. 01.08.1953 — cc Lauro Luiz Ramos, c/ 3 filhos.

Q3-3 — Luís Antônio Sens, n. 26.08.1957 — cc Maria Helena Bayer, c/ 3 filhos.

Q4-4 — Roberto Sens, n. 11.07.1959 — cc Jaqueline Bertoli, s.s.

Q5-5 — Eduardo Sens, n. 25.01.1969.

2 Filhos mortos.

B4-10 — Norberto Pedro Ludwig, f. Pedro Ludwig, n. 16/04/1865 e Ana Maria Hoffmann — n/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25/10/1842 — n/m Egídio Hoffmann e Maria Meinchen, cc Olívia Sens, n. 29.09.1904, f. Matias Gil Sens e Catarina Gorges, n. 1859 — n/p Egídio Sens, n. 1821 e Maria Hoffmann, n. 10/10/1836 — n/m Antonio Gorges, n. 05/07/1830 e Catarina Trierweiler, n. 1833.

Pais de 9 filhos.

T1-85 — Maria (Nine) Olívia Ludwig — cc Francisco Renato Lebarbenchon, n. 1928 — Itup., c/ 2 filhos.

Q1-6 — Renato Lebarbenchon, n. 12.07.1953 — cc Aparecida Goulart Sens, c/ 2 filhos — Fpolis.

Q2-7 — Beatriz Lebarbenchon, n. 1951 — cc José Antonio Salvadore, c/ 3 filhos — Fpolis.

T2-86 — Arlindo Pedro Ludwig, n. 1928 — cc Bety, c/ 2 filhos — Lages.

T3-87 — Lauro Norberto Ludwig, n. 1931 — cc Elisabeth, c/ 3 filhos — Blumenau.

T4-88 — Anísio Ludwig, n. 1933 — Fpolis. — cc Shyrley Macedo, c/ 3 filhos.

T5-89 — Olimpio Ludwig, n. 1937 — Camb. — cc. Goreti Trierweiler, f. Gregório Trierweiler e Nice ?

T6-90 — Nilo Ludwig, n. 1935 — Itup. — cc Sonia Keler, c/ 2 filhos.

T7-91 — Ivone Ludwig, n. 1936 — Lages — cc Aldo Alves — c/ 2 filhos.

T8-92 — Jaime Ludwig, n. 1938 — Caçador — cc Kátia Guerra, c/ 2 filhos.

T9-93 — Mauro Ludwig, n. 1941 — Rodeio — cc Sônia Coelho, c/ 4 filhos, f. Carlos Coelho e Odete Gerent.

B5-11 — Maria Cecília Ludwig — cc Nicolau Antonio Schmitt, viúvo de Filomena Sens, f. Matias Gil Sens e Catarina Gorges. Ela filha de Pedro Ludwig, n. 16.04.1865 e Ana Maria Hoffmann — n/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842. Ele filho de Nicolau Adão Schmitt e Ana Catarina Reitz. Pais de 9 filhos.

T1-94 — Adelino Felipe Schmitt, n. 1917, filho de Nicolau Antonio Schmitt e Maria Cecília Ludwig.

T2-95 — Lídia Schmitt, n. 1919.

T3-96 — Palmira Schmitt, + c/ 15 dias.

T4-97 — Elza Schmitt, n. 1922.

(Continua)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50, instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breitkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.